

Estado da publicação: Não informado pelo autor submissor

# Muito além da abordagem sociológica ao estudo do Bolsonarismo

João Feres Junior, Carolina Almeida de Paula

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.8883>

Submetido em: 2024-05-07

Postado em: 2024-05-22 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

## Muito além da abordagem sociológica ao estudo do Bolsonarismo

### *Far beyond the sociological approach to the study of Bolsonaroism*

#### João Feres Júnior

<https://orcid.org/0000-0002-5830-0458>  
Professor titular de Ciência Política  
Instituto de Estudos Sociais e Políticos – IESP  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ  
Rua da Matriz, 82 - Botafogo  
22260-100 Rio de Janeiro - RJ  
Tel: (021) 2266-8300/8331 Cel: (021) 99633-3444  
[jferes@iesp.uerj.br](mailto:jferes@iesp.uerj.br)

#### Carolina Almeida de Paula

<https://orcid.org/0000-0001-9559-6799>  
Doutora em Ciência Política  
Pós-doutoramento no Laboratório de Estudos da Mídia e  
Esfera Pública (LEMEP)  
Instituto de Estudos Sociais e Políticos – IESP  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ  
[carolina.almeidapaula@gmail.com](mailto:carolina.almeidapaula@gmail.com)

**Resumo:** A partir de uma revisão sistemática da literatura sobre o bolsonarismo no Brasil, o artigo foca nos trabalhos de abordagem sociológica que concebem o objeto como produto de uma nova subjetividade conservadora, como uma coleção de identidades sociais ou como um movimento social. A partir de uma pesquisa qualitativa nacional conduzida pelos autores e destinada a explorar as percepções e comportamentos relacionados de bolsonaristas renitentes e arrependidos, o artigo revela vários aspectos relevantes que condicionam a preferência por Bolsonaro, como as posições de seus eleitores em relação a temas como corrupção, segurança pública, família, gênero e valores tradicionais. A pesquisa nacional também explora as preferências políticas dos participantes assim como seus hábitos de consumo de informação. O artigo argumenta, contudo, que é necessário ir além da constatação das adesões substantivas dos bolsonaristas a posições e valores, e olhar para a maneira como eles obtêm informação. A hipótese principal é que onexo maior do bolsonarismo é sua esfera comunicacional, que permite a seus aderentes fácil acesso a versões alternativas de fatos e narrativas. O artigo conclui refletindo sobre as limitações das teses sociológicas para o entendimento do bolsonarismo e apontando para deficiências metodológicas dos trabalhos qualitativos desse campo.

**Palavras-chave:** Bolsonarismo, Brasil, fenômeno sociológico, pesquisa qualitativa, percepções, redes sociais

**Abstract:** Based on a systematic review of the literature on Bolsonaroism in Brazil, the article focuses on sociological approach works that conceive the subject as a product of a new conservative subjectivity, as a collection of social identities, or as a social movement. Through nation-wide qualitative research conducted by the authors aimed at exploring the perceptions and behaviors of steadfast and repentant Bolsonaroists, the article reveals several relevant aspects that condition the preference for Bolsonaro, such as the positions of his voters on issues such as corruption, public security, family, gender, and traditional values. The national survey also explores the political preferences of the participants as well as their information consumption habits. The article argues, however, that it is

necessary to go beyond identifying the substantive adhesions of Bolsonaroists to positions and values, and to look at the way they obtain information. The main hypothesis is that the greater nexus of Bolsonaroism is its communicational sphere, which allows its adherents easy access to alternative versions of facts and narratives. The article concludes by reflecting on the limitations of sociological theses for understanding Bolsonaroism and pointing out methodological deficiencies in the qualitative works of this field.

**Keywords:** Bolsonaroism, Brazil, sociological phenomenon, qualitative research, perceptions, social media.

## Sumário

Introdução.....	4
Bolsonarismo como fenômeno sociológico.....	5
Apresentação da pesquisa nacional qualitativa.....	10
Metodologia.....	12
Resultados.....	16
Percepções sobre a vida atual e o contexto da pandemia .....	16
Adesão a valores .....	18
O voto em 2018 e 2022 .....	33
Mapeamento dos hábitos de informação .....	36
Sínteses dos resultados .....	39
Democracia e Golpe Militar .....	39
Complexo de vira-lata .....	39
Bolsonaro como mito e exceção .....	40
Insulamento moral dos evangélicos .....	41
Ruptura da esfera comunicacional tradicional.....	42
Pós-verdade e negacionismo.....	43
A eficácia comunicativa de Bolsonaro .....	44
O antipetismo .....	44
Conclusões.....	45
Referências .....	50

## Introdução

Partimos aqui da pergunta mais fundamental, a de natureza ontológica: em que consiste o bolsonarismo? Ao invés de adotarmos uma definição lapidar, como é prática comum na literatura de ciências sociais, preferimos adotar o método pragmatista de reconstruir os entendimentos mais influentes no campo, a partir de um debate com eles, chegarmos a nossas conclusões sobre o objeto (Rorty, 1982, 1982; Wittgenstein, 1953). A fim de mapear o campo de estudos sobre o bolsonarismo, identificando as diferentes teorias ou formulações acerca do fenômeno, fizemos uma pesquisa bibliográfica com o auxílio do programa Publish or Perish<sup>1</sup> utilizando o termo Bolsonaro como palavra-chave. Uma vez obtidos os resultados, selecionamos cinquenta textos com maior fator de impacto (índice h) e que tratavam da compreensão do bolsonarismo – descartando falsos positivos –, e em seguida classificamos os textos selecionados de acordo com a maneira como definem seu objeto. As abordagens mais relevantes encontradas foram: bolsonarismo como discurso, bolsonarismo como fenômeno sociológico e bolsonarismo como fenômeno de opinião pública.

No presente artigo pretendemos estabelecer uma conversação com a vertente da literatura que vê o bolsonarismo como fenômeno sociológico. Entre esses trabalhos, destacam-se como subespécie aqueles que pensam o objeto como um movimento social, como veremos mais adiante.

A escolha da vertente sociológica não é fortuita e se justifica por motivos substantivos e metodológicos. Por meio da interpretação dos resultados de uma pesquisa qualitativa nacional com bolsonaristas conduzida por nós, pretendemos lançar luz a algumas deficiências importantes detectadas na literatura. Ao mesmo tempo, cotejaremos as metodologias empregadas na nossa pesquisa e nas outras, pois acreditamos que parte das deficiências substantivas identificadas advém de problemas metodológicos. Essa conversação metodológica nos parece pertinente também porque, como veremos, os trabalhos principais analisados também utilizam metodologias qualitativas, com uma exceção parcial.

O texto que segue está dividido nas seguintes seções: revisão das principais contribuições à literatura do bolsonarismo como fenômeno sociológico, que termina com a identificação de suas deficiências; uma longa seção de apresentação da metodologia e principais resultados da pesquisa nacional qualitativa; e uma conclusão que retoma as deficiências apontadas agora à luz dos resultados de nossa pesquisa.

---

<sup>1</sup> O Publish or Perish é um programa de computador que recupera e analisa citações acadêmicas. Ele permite buscas em uma variedade de bases de dados (Google Acadêmico, Crossref, etc), das quais obtém, agregando a elas metadados como citações totais e o índice h. O programa permite a exportação de bibliografias em vários formatos compatíveis com os principais programas de gerenciamento de referências hoje em voga. Ver <https://harzing.com/resources/publish-or-perish>.

## Bolsonarismo como fenômeno sociológico

As abordagens sociológicas assumem, como o próprio nome sugere, o primado de causas sociais na explicação do bolsonarismo. É difícil conceber abordagem mais radicalmente sociológica do que a apresentada por Gabriel Feltran, que carrega a palavra já em seu subtítulo: “*A totalitarian movement in contemporary Brazil*”. O qual apresenta o bolsonarismo da seguinte forma:

*Vindo como vem das periferias pobres, a força das bases do bolsonarismo reside no fato de não estar confinada ao centro do espectro político, e de ter escapado ao controle das elites políticas. (Feltran, 2020, 108)*

*O movimento de massa que fez Bolsonaro é impulsionado pela promessa redentora de resolver os conflitos sociais do Brasil e acabar com suas diferenças sociais. (Feltran, 2020, 95)*

*O movimento não é, como às vezes se pensa, um de elites contra os pobres. Dentro do mundo urbano popular, há muitos bolsonaristas, entre os quais o caráter totalitário do movimento é claramente compreendido. (Feltran, 2020, 96)<sup>2</sup>*

Feltran parece se mover contra um argumento espantoso de que o bolsonarismo seria uma trama de elites, tentando provar que o bolsonarismo é de fato um movimento de massas. Mas nunca ficamos sabendo ao certo quem e como essa teoria do bolsonarismo de elite é articulada, pois o texto não contém diálogo com a literatura sobre o tema. O artigo também carece de referências empíricas sistemáticas, permanecendo o tempo todo no plano do ensaísmo. O autor de fato declara no início do texto que observou o crescimento do movimento bolsonarista em 2013, quando fez trabalho de campo etnográfico na periferia da cidade de São Paulo (95), mas nenhum outro dado empírico é de fato analisado.

Classificamos também sob o guarda-chuva da abordagem sociológica trabalhos que flertam com a psicologia social, como a contribuição de Rosana Pinheiro-Machado, que enxerga o Bolsonarismo como produto de uma nova subjetividade conservadora no Brasil, vinda à tona devido às crises políticas e econômicas que têm assolado o país nos últimos anos, bem como ao crescimento das redes sociais e à disseminação de notícias falsas (Pinheiro-Machado & Scalco, 2020a). A metodologia adotada no estudo envolve uma abordagem etnográfica longitudinal para entender o surgimento da subjetividade conservadora no Brasil, particularmente entre os apoiadores de Bolsonaro no Morro da Cruz, uma região de baixa renda localizada na periferia de Porto Alegre.

Em outra contribuição, publicada um ano antes do artigo comentado acima, Pinheiro-Machado descreve o bolsonarismo como um movimento que encontrou solo fértil em

---

<sup>2</sup> Tradução nosso do original em inglês.

uma sociedade desprovida de autoridade, regras e coesão, especialmente após o impeachment de Dilma Rousseff em 2016. Sua concepção do objeto com o movimento social está, contudo, também ligada a uma abordagem discursiva, pois, em outro trecho do livro, o bolsonarismo é definido como “um discurso raso que se propaga no vácuo para responder a profundos e diversos ressentimentos” (Pinheiro-Machado, 2019, 133). O livro de Pinheiro-Machado é escrito em estilo ensaístico, sem uma preocupação metodológica central, mas seus argumentos combinam análises etnográficas, entrevistas, observações de campo e reflexões teóricas de maneira nem sempre explícita para o leitor.

Outra contribuição que fica sob o guarda-chuva da abordagem sociológica é a de Isabela Oliveira Kalil (2018), que trata o bolsonarismo como uma coleção de identidades sociais. Em sua pesquisa, Kalil identificou 16 tipos de apoiadores, eleitores e potenciais eleitores de Bolsonaro, com base em marcadores de classe social, raça/etnia, identidade de gênero, religião, formas de engajamento e crenças. O argumento do emocionalismo também está presente no trabalho de Kalil, que ao identificar e hierarquizar as diferentes dimensões mobilizadas na escolha do voto, associa várias delas a sentimentos de medo e repulsa, oportunisticamente mobilizados pelo discurso bolsonarista. Segundo relata a autora, a coleta de dados foi realizada em protestos, manifestações e atos políticos ocorridos em São Paulo entre 2013 e 2018, com ênfase em eventos como o acampamento da FIESP em 2016 e o evento contra Judith Butler em 2017 (5).

Entre os autores da abordagem sociológica que tratam o bolsonarismo como um movimento social, destacam-se Camilla Rocha, Jonas Medeiros e Esther Solano, que publicaram vários artigos e um livro sobre o assunto (Rocha et al., 2021). Sua contribuição, nos parece, a mais detalhada e teoricamente sofisticada produzida até agora dentro do subgênero da abordagem sociológica e por isso merece especial atenção.

De cara, os autores apresentam seu trabalho como uma alternativa à “explicação populista”, que associam à abordagem mais ampla da crise da democracia, e também à *reductio ad fascismum* (sic). Ou seja, partilham conosco a crítica à aplicação de conceitos prontos, como populismo e fascismo, ao entendimento do bolsonarismo, assunto que tratamos mais detalhadamente em outra contribuição (Feres Júnior et al., 2022).

Segundo Rocha et alli, o processo de redemocratização, tendo como marco a Constituição de 1988, levou à formação no Brasil de uma esfera pública pós-burguesa, termo que emprestam de Nancy Fraser (1997). De acordo com a autora estadunidense, o conceito de esfera pública burguesa de Habermas não é mais adequado para a teoria crítica contemporânea pois é baseado na ideia de um público homogêneo dominado pelas perspectivas e interesses dos homens brancos. A esfera pública nas democracias contemporâneas, a pós-burguesa, deve incluir outros grupos marginalizados, que ela chama de públicos subalternos (Fraser, 1997).

Rocha et alli enxergam, no processo político e social que se desenrolou a partir da democratização, a construção no Brasil da tal esfera pública pós-burguesa, caracterizada pela expansão do sistema de direitos e da inclusão social de grupos marginalizados produzida pelo ativismo dos movimentos sociais. A importância da agência dos movimentos sociais na história recente do nosso país não poderia ser mais amplificada na sua interpretação histórica:

*It was the actions of workers, women, and Black, Indigenous, and LGBT+ Brazilians, among other groups, that blocked the bourgeois autocracy and the culture industry from controlling the country's redemocratization in the 1970s and 1980s from the top down (Rocha, Solano, and Medeiros 2021,4).*

Essa expansão, contudo, também serve para justificar, na narrativa dos autores, a tese embutida de cultural backlash da direita, pois o Bolsonarismo seria uma reação a uma esfera pública pós-burguesa que foi capaz de integrar demandas dos grupos subalternos (144).

Tão importante quanto entender o conceito de esfera pública pós-burguesa, apresentada pelos autores, é compreender a tipologia dos públicos dentro dela. Primeiramente, há os públicos centrais ou dominantes, que ocupam posições de poder institucional e simbólico e os periféricos ou subalternos, geralmente alijados de tais posições. Ainda dentro do framework da teoria deliberativa, que também reclama para si o pedigree de teoria crítica, dada a origem frankfurtiana de seu patrono, os autores emprestam a noção de contrapúblico, originalmente formulada por Fraser Warner<sup>3</sup>, para especificar posturas específicas desses públicos em relação à comunicação.

Segundo a tipologia proposta, a esfera pública pós-burguesa se divide em públicos e contrapúblicos. Os públicos se utilizam de formas *mainstream* e hegemônicas para sua comunicação, já os contrapúblicos conformam arenas discursivas que funcionam em ativa oposição aos públicos dominantes, nas quais imperam estilos disruptivos, indecorosos e chocantes de comunicação que destoam daqueles praticados pelos públicos dominantes. Membros dos contrapúblicos compartilham a percepção de que suas visões de mundo são subordinadas a uma perspectiva cultural dominante que os aliena, silencia, ataca, diminui e até ridiculariza (26). Eles usam a contrapublicidade como um meio de chamar a atenção e amplificar contradiscursos que se opõem ao suposto horizonte cultural dominante.

---

<sup>3</sup> O conceito de "contra-públicos" ou "counterpublics" foi formulado por ambos, Nancy Fraser e Michael Warner, mas em contextos um pouco diferentes. Fraser desenvolveu o conceito de "contra-públicos subalternos" em seu ensaio "Rethinking the Public Sphere" (Fraser, 1990). Nele, a autora argumenta que existem vários públicos e vários públicos subalternos em paralelo ao público dominante e que servem como espaço comunicacional para aqueles excluídos da esfera pública dominante. Warner, em seu livro "Publics and Counterpublics" (Warner, 2002), também explora o conceito de "contra-públicos", mas o faz de maneira ligeiramente diferente, ao defini-los como espaços onde os grupos marginalizados podem formar uma identidade coletiva e articular suas demandas e interesses.

Contrapúblicos questionam a premissa de uma suposta linguagem racional-crítica universal que estrutura os públicos dominantes (57).

É preciso reforçar o fato de que a definição de contrapúblico diz respeito mormente ao estilo comunicativo praticado na esfera pública por seus participantes e não propriamente a sua posição social, pois, os autores mencionam a existência de contrapúblicos subalternos e não subalternos, em referência a uma posição social dominada ou dominante dentro de sistemas de opressão, como classe, raça, gênero e sexualidade (27). Tal classificação mais ou menos coincide com sua orientação ideológica (esquerda ou direita).

Na interpretação de Rocha et al., os contrapúblicos desempenham um papel fundamental no apoio a Bolsonaro. O bolsonarismo é caracterizado como uma contrapublicidade dominante que, utilizando-se das redes sociais e da internet, visou dismantelar a esfera pública pós-burguesa no Brasil e estabelecer uma nova autocracia burguesa inspirada pela ditadura militar (160). Segundo essa leitura, a ascensão de Bolsonaro ao poder foi facilitada pela criação desse fenômeno da contrapublicidade dominante. A contrapublicidade como tática de movimentos sociais irrompeu no espaço público a partir do ciclo de protestos iniciado em Junho de 2013, colocando em cheque o sistema político representativo. Bolsonaro e a nova direita, em meio a qual ganhou centralidade a figura de Olavo de Carvalho, se aproveitaram dessa janela de oportunidade, tentando atender ao descontentamento popular amplificado pelo ciclo de protestos. Fazendo uso de uma estratégia de apresentação pessoal histriônica e polêmica, Bolsonaro se aproveitou desse estado de coisas para vencer as eleições de 2018. Uma vez no poder, o núcleo central do bolsonarismo continuou a usar a contrapublicidade como uma estratégia radical contra-hegemônica.

A contrapublicidade dominante é um fenômeno em que um contrapúblico, que é um grupo de pessoas que compartilham uma identidade comum e são excluídas da esfera pública dominante, torna-se dominante ao passo que desafia a esfera pública existente. Este fenômeno ocorre quando o discurso de um contrapúblico penetra a esfera pública dominante, desencadeando novos conflitos à medida que outros setores perdem poder ou se sentem marginalizados. Como resultado, o discurso do contrapúblico se espalha e impacta a dinâmica da própria esfera pública hegemônica (162). Não podemos deixar de citar o papel central atribuído à internet e às redes sociais nessa empreitada, pois, segundo os autores:

*The Internet was a refuge for PT opponents, the right, and anyone who simply did not feel represented by the Lulist bonanza. Feeling targeted in dominant publics, these people found in digital realms a chance to sympathize and exchange ideas by interacting on forums, blogs, sites, and online communities (Rocha, Solano, and Medeiros 2021, 30-31).*

É importante lembrar que nos escritos de Fraser e Warner o conceito de contrapúblico é frequentemente associado a grupos historicamente marginalizados ou oprimidos, como mulheres, pessoas de cor, comunidade LGBTQ+, entre outros. Ainda que não fizessem parte da formulação original, grupos de extrema direita em ascensão no contexto de sociedades liberais democráticas passaram a receber também a denominação de contrapúblicos por parte de alguns autores dessa literatura (Downey & Fenton, 2003; Thimsen, 2017), inovação à qual Rocha et ali aderem.

A classificação da abordagem de Rocha et al. como sociológica se deve ao fato de a política institucional em si, inclusive em seu aspecto eleitoral, ser tratada como um epifenômeno de fatores sociais mais profundos. Não é só isso, o bolsonarismo é também explicado como um movimento social a partir de um arcabouço fornecido pela teoria deliberativa, mas especificamente, pela teoria da ação comunicativa reformulada para aplicação à esfera pública pós-burguesa. Mas a explicação para por aqui, pois não ficamos sabendo como se organiza de fato esse “movimento social”, a não ser que por meio das redes sociais, em grupos nos quais abunda o discurso disruptivo, o que é uma descrição bastante genérica. Na verdade, não se vê um esforço dos autores de explorar os diferentes aspectos do bolsonarismo como movimento social particularmente no que toca a mobilização de recursos (Edwards and McCarthy 1996; McCarthy and Zald 1977) e o processo político (McAdam 1996; Tarrow 1994).

Assim, não há uma explicação clara de como esse “movimento social” produziu o fenômeno de opinião que permitiu a Bolsonaro vencer em 2018 e quase repetir o feito em 2022. Ou melhor dizendo: poderia esse fenômeno de opinião que mobilizou mais de 50 milhões de eleitores em duas eleições presidenciais seguidas ser explicado como um movimento social?

As opções metodológicas do trabalho são dignas de nota. Na maioria dos capítulos a análise é baseada em outros trabalhos dos autores e em fontes de terceiros. No capítulo 4, contudo, há um esforço de se apresentar a metodologia de pesquisa produzida pelos próprios autores, antes da discussão dos resultados. Trata-se de entrevistas com sete moradores de São Paulo, escolhidos para representar uma variedade de situações econômicas, profissões, idades e gêneros, e conversas colhidas ao longo de atividades com grupo de alunos de uma escola pública do 1º e 3º anos do ensino médio situada em São Miguel Paulista, um bairro carente na periferia de São Paulo. Ainda segundo o relato de Rocha et alli, participaram da pesquisa quarenta estudantes do último ano e vinte do primeiro ano. Por fim adicionam a informação de que boa parte desses alunos podem ser considerados eleitores fiéis de Bolsonaro, dado um pouco exótico, pois muitos estudantes do 1º ano do ensino médio sequer têm idade suficiente para tirar título de eleitor.

Uma vez fixadas as definições do bolsonarismo e as metodologias adotadas por trabalhos importantes da abordagem sociológica, passaremos para a apresentação da nossa pesquisa, que é também de natureza qualitativa.

## **Apresentação da pesquisa nacional qualitativa**

A motivação por trás da pesquisa nacional qualitativa, intitulada “Bolsonarismo no Brasil”<sup>4</sup>, foi produzir conhecimento mais substantivo e preciso acerca do bolsonarismo tomando-o *prima facie* como um fenômeno de opinião pública. Em outras palavras, suspendemos as premissas fundamentais das abordagens que o tomam como um movimento social (sociológica), uma nova subjetividade (sociológica) ou como discurso. Do ponto de vista teórico e metodológico isso nos parece ser um passo prudente. Ora, o dado mais imediatamente disponível quando escutamos um sujeito de pesquisa, seja utilizando a metodologia de entrevistas em profundidade ou a de grupos focais, são suas falas, locuções, que, por seu turno, expressam opiniões sobre o mundo, ou, mais especificamente, sobre os assuntos que lhes são apresentados. Se todas essas falas, uma vez coletadas, codificadas e interpretadas sinteticamente, vão sustentar uma concepção do bolsonarismo como movimento social, discurso etc, isso é algo que só podemos concluir *ex post*, e não assumido como premissa que estrutura a pesquisa.

A despeito de suas virtudes, identificamos várias deficiências na literatura sobre o bolsonarismo, como comentamos acima. Isso é na verdade é algo positivo, pois nos permite estabelecer um diálogo com essa literatura a fim de superá-las. Ao mesmo tempo, nossa pesquisa foi estruturada de modo a se beneficiar de informações preciosas produzidas pela análise de dados quantitativos sobre o bolsonarismo, como as pesquisas de opinião frequentemente publicadas em jornais e na internet e os trabalhos acadêmicos da área dos estudos do comportamento político (Amaral, 2020; Rennó, 2020; Russo et al., 2022).

No momento em que fomos a campo, maio de 2021, a série de pesquisas quantitativas (surveys), feitas por institutos como DataFolha, IPESPE e Quaest, mostravam uma certa movimentação dos grupos demográficos que apoiavam Bolsonaro, em relação eleição de 2018. Bolsonaro parecia ter perdido um pouco do apoio entre os brasileiros mais escolarizados e de maior renda, mas ganhado apoio entre os setores de menor escolarização e renda da nossa população; perdido apoio na região Sudeste, região fundamental para sua vitória eleitoral em 2018, mas ganhado outras regiões do Brasil. Algumas dessas tendências viriam a se confirmar no resultado do pleito de 2022,

---

<sup>4</sup> A pesquisa foi realizada pelo LEMEP (Laboratório de Estudos da Mídia e Esfera Pública), do IESP-UERJ, e pelo Instituto para Reforma das Relações entre Estado e Empresa (IREE) e coordenada por João Feres Júnior, Carolina de Paula, Walfrido Jorge Warde Jr. e Rafael Valim. Acesse o relatório da pesquisa em <https://iree.org.br/iree-e-lemep-uerj-divulgam-pesquisa-sobre-perfil-do-bolsonarismo-no-brasil/>

particularmente a perda de apoio relativo nos grandes estados do Sudeste. Ao mesmo tempo, os relatórios dessas pesquisas também mostravam que o ex-capitão conseguia manter forte o apoio do eleitorado evangélico. De qualquer maneira, a despeito dessas movimentações, o dado mais relevante revelado pelas pesquisas era a impressionante manutenção, por parte de Bolsonaro, de um público de apoiadores numericamente expressivo, mesmo em cenário adverso que combinava forte crise econômica, os efeitos da pandemia da Covid-19 – com os quais sua administração lidava com extrema incompetência – e denúncias de corrupção de seus familiares e aliados no governo. Um apanhado de 45 pesquisas de aprovação do Governo Bolsonaro, feitas ao longo de seu mandato pelos institutos Datafolha, PodeData, CNT/MDA e CNI/Ibope, mostra que no período que a pesquisa foi feita, maio de 2021, sua taxa de aprovação média, desde o começo do mandato era de 31,06%.<sup>5</sup>

É de conhecimento público, além de ser ratificado pela literatura acadêmica, que o debate sobre valores é um elemento fundamental da propaganda/comunicação de Jair Bolsonaro, seja no papel de candidato em 2018 ou de presidente, a partir de 2019. Assim reservamos parte da pesquisa à exploração da adesão dos respondentes a valores e posturas adotadas pelo então presidente. É verdade que algumas pesquisas quantitativas eventualmente incluem perguntas sobre valores e políticas públicas em seus questionários. Contudo, sua metodologia baseada em questionários rígidos não permite o exame de assuntos complexos de maneira conjunta e integrada, particularmente no que toca a seus aspectos narrativos, algo que a pesquisa qualitativa está mais bem equipada para fazer.

Os objetivos iniciais de nossa pesquisa foram:

1. Mapear motivações, valores, crenças e interesses associados à figura de Jair Bolsonaro e a seu governo por dois grupos da população: seus apoiadores atuais e aqueles que se arrependeram de ter votado nele no segundo turno do pleito de 2018.
2. Cruzar essa variável de apoio declarado com outras variáveis demográficas que as pesquisas quantitativas mostraram ser relevantes no apoio a Bolsonaro, como idade, localização de moradia e religião dos apoiadores.
3. Investigar a posição dos participantes em relação a valores e políticas públicas frequentemente associados ao discurso de Bolsonaro.
4. Investigar percepções sobre a política e o voto em 2018 e 2022.
5. Mapear os hábitos de acesso à informação política utilizados pelos respondentes.

Os tópicos sobre valores e orientação em relação a políticas públicas selecionados para a pesquisa foram valores tradicionais, segurança, corrupção, militares no governo e na política, e pandemia. A adesão a valores tradicionais foi testada por meio de discussões

---

<sup>5</sup> Ver <https://www.poder360.com.br/governo/leia-o-historico-da-avaliacao-de-bolsonaro-desde-a-posse/>

sobre as questões de gênero e da família. O tema da segurança foi abordado por meio de discussões acerca da posse e do porte de armas e sua regulação. Utilizamos os exemplos concretos da Operação Lava Jato e das rachadinhas atribuídas a Flavio Bolsonaro para iniciar a discussão sobre corrupção. O tópico dos militares no governo foi discutido diretamente, dando particular atenção à imagem que os respondentes têm dessa categoria do funcionalismo público, além de suas percepções acerca da Ditadura Militar. Já o tema da pandemia serviu para que pudéssemos explorar a força da desinformação e do negacionismo entre os eleitores de Bolsonaro, dando especial atenção para a questão da vacinação, tópico muito quente no período em que a pesquisa foi realizada.

## Metodologia

A escolha da metodologia dos grupos focais nos pareceu ideal por suprir uma lacuna na literatura, pois de um lado temos trabalhos que empregam técnicas qualitativas de N muito pequeno, como as contribuições examinadas acima, quase todas adeptas da técnica da etnografia e de entrevistas com um número limitado de pessoas, e de outro os trabalhos de análise quantitativa de N grande. Como veremos abaixo, nossa pesquisa incluiu um número significativo de participantes ( $\cong 240$ ), recrutados de maneira estruturada de forma a cobrir uma grande parte do território nacional, aumentando assim a representatividade da amostra. Esse “meio do caminho” em termos amostrais nos parece promissor, pois possibilita a vantagem do aprofundamento de temas, tipicamente produzido por metodologias qualitativas, combinada a uma representatividade amostral maior, possibilitada pelo número generoso de grupos focais (24) (Boydell et al., 2014).

A pesquisa utilizou a técnica qualitativa de grupos focais online. Os grupos focais são úteis para a exploração de temas sensíveis e difíceis de serem abordados por meio de um questionário estruturado, como aqueles utilizados em surveys quantitativos. A técnica permite que os participantes conversem entre si e expressem suas percepções e experiências de maneira relativamente livre, e não apenas respondam às questões do moderador/condutor do grupo. Nos grupos focais temas são levantados e aprofundados. O objetivo final não é produzir consenso entre os participantes, mas capturar a diversidade de opiniões e pontos de vista sobre temas de interesse (Kitzinger, 1994; Morgan, 1988).

A pesquisa qualitativa não tem por objetivo mensurar frequências e proporções de frequências, pois a seleção de participantes não se dá por amostragem aleatória e o número de participantes é relativamente pequeno, se comparado ao número usualmente empregado pelos institutos de pesquisa privados no Brasil em seus surveys quantitativos, que dizem produzir resultados com uma margem de erro de 3-4% e intervalo de confiança de 95%. No entanto, a pesquisa qualitativa não abre mão totalmente da pretensão de representar uma população ou determinados setores dela, como é o caso em pauta.

O recrutamento dos participantes é fundamental para estabelecer um mínimo de representatividade da pesquisa qualitativa. Ao invés da amostra aleatória da população de eleitores, o recrutamento foca em categorias demográficas determinadas *ex ante* pelos pesquisadores, como, por exemplo: mulheres brancas, de renda média, moradoras da cidade X; ou homens negros, de baixa renda, recipientes do Bolsa Família, etc. Tal recrutamento é feito por profissionais por meio da aplicação de questionários-filtro, estruturados conforme as categorias de interesse da pesquisa. Ainda que não trabalhe com cotas formais para categorias socioeconômicas relevantes, o recrutamento para cada grupo focal busca não se afastar muito das características médias da população. Por exemplo, um grupo que não filtra para gênero deve buscar equilibrar a quantidade de homens e mulheres participantes, já que na população em geral, ou no universo da categoria social pesquisada, essa proporção se aproxima de 1:1; ou um grupo que não filtra para raça deve conter uma proporção de brancos e não brancos similar à da população em geral, ou do universo da categoria social pesquisada (Boydell et al., 2014).

Por fim, os participantes de cada grupo não devem se conhecer previamente. A existência de laços afetivos ou de parentesco entre participantes pode introduzir distorções na expressão de opiniões que fogem muito ao controle do mediador do grupo. É desejável que cada participante esteja no grupo em condição similar a todos os outros: como indivíduo dotado de opiniões e ideias e que é livre para expressá-las, da mesma maneira como deve respeitar a liberdade dos outros participantes de também fazê-lo.

Para a determinação dos perfis demográficos dos grupos partimos das tradicionais variáveis socioeconômicas dos estudos de opinião pública, a saber: sexo, renda, escolaridade, idade e local de residência (região). Baseados nos dados das sondagens quantitativas acerca do apoio a Bolsonaro, adotamos também o filtro de designação religiosa “evangélico/não evangélico” para o recrutamento de entrevistados.

Como o objetivo maior era o estudo do bolsonarismo, escolhemos como primeira variável filtro o voto em Bolsonaro no segundo turno da eleição de 2018. Em seguida aplicamos a segunda variável filtro, o arrependimento do voto, a fim de capturar as razões por trás desse arrependimento e as diferenças específicas entre aqueles que ainda o apoiavam e os que desistiram da escolha feita no pleito. Essa variável é análoga a uma variável dependente binária em um modelo estatístico quantitativo.

Fizemos ainda uma segmentação dos grupos utilizando as variáveis classe (níveis de renda), escolaridade, idade e religião, além de região de moradia – essas seriam, por analogia, as variáveis independentes. A distribuição geográfica dos grupos cobriu as cinco regiões do país. O recrutamento de participantes se deu nas seguintes capitais: São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba, Goiânia, Belém e Recife. O critério utilizado para a escolha das capitais estaduais foi o fato de serem as mais populosas em suas respectivas regiões. A região Sudeste foi a única agraciada com duas capitais estaduais, por se tratar

das cidades mais importantes do país, tanto em termos populacionais, econômicos como de poder simbólico. A escolha das capitais tem o sentido geral de aumentar a representatividade da amostra, pois a centralidade dessas aglomerações humanas, mesmo quando se trata de uma capital regional, permite que projetem sua influência cultural sobre o restante da população, entre outras coisas por concentrarem os meios de comunicação mais poderosos. Esse dado é relevante para uma pesquisa que investiga valores culturais, posições políticas e hábitos.

Os grupos focais online ganharam enorme popularidade durante a pandemia, pois mostraram ser uma solução viável para a continuidade da atividade de pesquisa científica e de mercado em um contexto de isolamento social. Há um crescente debate acadêmico acerca das vantagens e desvantagens que essa técnica tem em relação aos grupos focais tradicionais, os presenciais (Forrestal et al., 2015; Menary et al., 2021; Richard et al., 2021). Não é nosso objetivo aqui adentrar esse debate, pois isso demandaria um artigo separado. Contudo é preciso dizer que não teríamos recursos para fazer uma pesquisa de escopo nacional, como a que ora apresentamos, com grupos presenciais. Ademais, como veremos abaixo, as conversas desenvolvidas nas sessões online geraram material riquíssimo para a análise, de maneira similar ao que seria gerado em sessões presenciais.

No total, foram realizados 24 grupos focais online, com duração média de 1h15 cada, entre os dias 14 e 29 de maio de 2021. Contamos com uma média de 8 participantes por grupo. O desenho final dos grupos foi o seguinte:

	Sexo	Região/cidade	Escolaridade	Classe	Idade	Religião	Arrependimento do voto
1	Misto	Sudeste (Rio de Janeiro)	(Rio superior	A/B	> 25 anos	qualquer religião	sim
2	Misto	Sudeste (Rio de Janeiro)	(Rio fundamental/médio	C/D	> 25 anos	qualquer religião	não
3	Misto	Sudeste (Rio de Janeiro)	(Rio fundamental/médio	C/D	> 25 anos	qualquer religião	sim
4	Misto	Sudeste (Rio de Janeiro)	(Rio fundamental/médio	C/D	< 25 anos	evangélica	não
5	Misto	Nordeste (Recife)	fundamental/médio	C/D	> 25 anos	evangélica	não
6	Misto	Nordeste (Recife)	fundamental/médio	C/D	< 25 anos	qualquer religião	sim
7	Misto	Nordeste (Recife)	fundamental/médio	C/D	> 25 anos	qualquer religião	não
8	Misto	Nordeste (Recife)	superior	A/B	> 25 anos	qualquer religião	sim
9	Misto	Sudeste (São Paulo)	(São fundamental/médio	C/D	> 25 anos	evangélica	não
10	Misto	Sudeste (São Paulo)	(São fundamental/médio	C/D	> 25 anos	qualquer religião	não

11	Misto	Sudeste (São Paulo)	fundamental/médio	C/D	< 25 anos	qualquer religião	não
12	Misto	Sudeste (São Paulo)	superior	A/B	> 25 anos	qualquer religião	sim
13	Misto	Sul (Curitiba)	fundamental/médio	C/D	> 25 anos	evangélica	não
14	Misto	Sul (Curitiba)	fundamental/médio	C/D	< 25 anos	qualquer religião	não
15	Misto	Sul (Curitiba)	fundamental/médio	C/D	> 25 anos	qualquer religião	não
16	Misto	Sul (Curitiba)	superior	A/B	> 25 anos	qualquer religião	sim
17	Misto	Centro Oeste (Goiânia)	fundamental/médio	C/D	< 25 anos	qualquer religião	não
18	Misto	Centro Oeste (Goiânia)	superior	A/B	> 25 anos	qualquer religião	sim
19	Misto	Norte (Belém)	fundamental/médio	C/D	> 25 anos	evangélica	não
20	Misto	Norte (Belém)	superior	A/B	> 25 anos	qualquer religião	sim
21	Misto	Norte (Belém)	fundamental/médio	C/D	> 25 anos	qualquer religião	não
22	Misto	Norte (Belém)	fundamental/médio	C/D	< 25 anos	qualquer religião	não
23	Misto	Centro Oeste (Goiânia)	fundamental/médio	C/D	> 25 anos	evangélica	não
24	Misto	Centro Oeste (Goiânia)	fundamental/médio	C/D	> 25 anos	qualquer religião	não

Recrutamento foi feito por meio de profissionais do ramo, que operam nas diferentes praças onde executamos a pesquisa. Os participantes foram devidamente informados acerca dos autores da pesquisa, seu conteúdo e propósitos, e assinaram um termo de anuência. Foram também informados que os resultados da pesquisa, incluindo suas falas, só poderiam ser publicados ou divulgados de maneira que os falantes não pudessem ser identificados, ou seja, anônima.

O roteiro foi estruturado da seguinte maneira, após uma breve introdução de apresentação da pesquisa aos participantes e de apresentação de cada participante, fizemos um aquecimento, discutindo a vida cotidiana e seus problemas e logo entramos no bloco do roteiro que tratou da adesão a valores e políticas públicas, que foi estruturado de modo a começar a discussão a partir de vídeos que eram mostrados aos participantes. A partir da revisão da literatura acadêmica sobre Bolsonaro e bolsonarismo, escolhemos 5 temas centrais para balizar as conversas, cada um sendo iniciado com a exibição de seu respectivo vídeo. Foram eles: família, gênero e valores tradicionais; segurança pública e armas; corrupção e Lava Jato; relação entre militares, democracia e administração pública; e

pandemia, ciência e desinformação.<sup>6</sup> Todos os vídeos traziam Bolsonaro falando, em entrevistas ou discursos públicos, sobre os respectivos temas selecionados para a pesquisa.

Em seguida discutimos as percepções sobre a política, as razões do voto para presidente em 2018 e as perspectivas para o voto na eleição vindoura, de 2022. Por fim, discutimos os hábitos de acesso à informação política utilizados pelos respondentes no seu dia a dia.

## Resultados

Em seguida analisamos os principais resultados da pesquisa, pontuando-os com as falas dos participantes, devidamente anonimizadas.

### *Percepções sobre a vida atual e o contexto da pandemia*

Em todas as cidades da pesquisa foi generalizado o sentimento de piora da situação financeira causada pela pandemia, seja relativa à própria vida – desemprego ou queda de renda – seja a de familiares e amigos. A inflação é sentida no dia-a-dia. Foram recorrentes as menções ao aumento do preço dos alimentos essenciais (arroz, carne, óleo) e também dos combustíveis. Dentre os participantes com o perfil de apoio irrestrito ao presidente, em particular aqueles “não arrependidos do voto”, “evangélicos” e “acima de 25 anos” há percepções de retomada econômica. Ainda assim de modo bastante tímido.

As exceções dizem respeito a algumas profissões da área da saúde e tecnologia. Participantes que são profissionais dessas áreas – enfermeiros e técnicos em informática, por exemplo – relatam que a pandemia favoreceu a manutenção do emprego ou até a conquista de um novo emprego. Somente os jovens que são estudantes e residem com os pais não conseguem perceber nenhuma alteração na situação atual.

*“Na minha área impactou demais. Os contratos vão terminando e não acontecem novos. Foi um ano muito difícil 2020, e 2021 ainda pior. É visível o aumento dos moradores de rua. Isso cresceu enormemente. Para a maioria das pessoas piorou muito e isso vai ainda se estender muito, durar muito.” (Rio de Janeiro, +25 anos, A/B, qualquer religião, arrependido do voto)*

---

<sup>6</sup> Para o tema família, gênero e valores tradicionais mostramos o vídeo acessível no link

<https://www.youtube.com/watch?v=HSXjgsicVIQ>

Para o tema da segurança pública e armas mostramos o vídeo acessível no link

<https://youtu.be/fZrTDtlqJPA>

Para o tema da corrupção e Lava Jato mostramos o vídeo acessível no link Link do vídeo:

<https://www.youtube.com/watch?v=78lz6wnDdkM>

Para o tema relação entre militares, democracia e administração pública mostramos o vídeo acessível no link Link do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=qbWOV2UCz48>

Para o tema da pandemia, ciência e desinformação mostramos o vídeo acessível no link Link do vídeo: <https://www.dropbox.com/s/xp7z5gkeix7hduy/5.%20Pandemia.mp4?dl=0>

*“Teve aumento bastante alto, eu tiro isso pelo preço do gás. Chegou a 100 BRL. Tá num preço muito alto.” (Belém, +25 anos, C/D, evangélico, não arrependido do voto)*

*“Em relação a esses dois anos de pandemia, a parte financeira, principalmente para o trabalhador autônomo, ele recebe aquele dinheiro, passa no mercado e leva a comida pra casa. Essas pessoas estão sofrendo muito com a pandemia. O centro está vazio, abandonado. As empresas mantiveram as pessoas em home office. Os ambulantes e autônomos estão sofrendo demais.” (Rio de Janeiro, +25 anos, A/B, qualquer religião, arrependido do voto)*

*“Graças a Deus a empresa nunca atrasou nosso salário. Hoje está entrando bastante mercadoria na empresa, o fluxo está muito alto. Mas a situação não está fácil. As coisas estão muito caras. A carga tributária no estado também é muito alta. A gente vê que está vendendo, mas as coisas estão muito caras. Tudo isso devido à pandemia” (Belém, +25 anos, C/D, evangélico, não arrependido do voto)*

*“Então, eu trabalho em uma cozinha do restaurante de bairro. Está bem complicado. Os pequenos estão tendo muita dificuldade. Até os grandes. Uma churrascaria super famosa de Curitiba fechou as portas. 40 anos de tradição e fechou as portas, pois não aguentou a pandemia. Está todo mundo em alerta porque está para sair bandeira vermelha amanhã, o pessoal do comércio sabe que está bem triste a situação.” (Curitiba, +25 anos, C/D, qualquer religião, não arrependido do voto)*

*“Aqui na minha região percebo que muito comércio fechou. Aqui é uma região de muitos bares. O pessoal se reúne no fim de semana para curtir para fazer aquele rap no final de semana. Entre amigos e pessoas conhecidas da família muita gente perdeu o emprego e está com muita dificuldade.” (São Paulo, até 25 anos, C/D, qualquer religião, não arrependido do voto)*

*“Eu acho que tem um pouco de oportunismo. É o mercado da carne, é o mercado do combustível. Nem tudo é o governo. Tem gente de má fé que usa um momento de crise tão profunda para fazer as pessoas sofrerem mais. Uma responsabilidade total de todas as pessoas, tanto do governo quanto das próprias pessoas, dos empresários.” (Goiânia, +25 anos, C/D, evangélica, não arrependido do voto)*

No que tange aos responsáveis pela situação de piora na economia e renda é bastante explícita as distinções entre participantes arrependidos do voto em Bolsonaro e os demais. Os “arrependidos” creditam a Bolsonaro irresponsabilidade na condução da crise sanitária e incapacidade de gerir a economia. Já aqueles que não se arrependeram do voto fazem ponderações. Em geral, citam os governadores e prefeitos como os principais responsáveis e, na sequência, culpam também empresários e comerciantes “gananciosos”.

Contudo, os apoiadores mais enfáticos fazem uma defesa intransigente do presidente. No seu modo de ver, os problemas econômicos são causados pela pandemia, que por seu turno é uma fatalidade. Já o presidente não pouparia esforços para combater a doença, tentando ao mesmo tempo salvar a economia. E isso enquanto é atacado pelos demais políticos e pela mídia.

Aparece no discurso dos apoiadores mais radicais, em diversas cidades, a atribuição da crise econômica à “política do fique em casa”. Na visão desses participantes, ocorreram fechamentos desnecessários em momentos em que a pandemia não estaria grave.

*“A principal responsabilidade que eu vejo é dos governadores. Por terem feito esse isolamento, o tal fique em casa. Como em Santos. Fora outros portos por aí como de Manaus que é bastante rentável. (Belém,, +25 anos, A/B, qualquer religião, arrependido do voto)*

*“Eu acho que são os governadores os culpados. O governo daqui adora que a gente pague imposto, tudo. Pra ele tudo é imposto. Ele bota pra quebrar mesmo em Pernambuco..”(Recife, +25 anos, C/D, evangélico, não arrependido do voto)*

*“Estamos vivendo uma guerra política, questão de emprego é uma vergonha política. Vivemos num buraco. Estão misturando essa doença com a política, estão querendo derrubar o governo e a gente vai viver isso até o ano que vem, para derrubar o nosso presidente. ” (Recife, +25 anos, C/D, qualquer religião, não arrependido do voto)*

*“É porque o governo está tendo que ajudar um monte de gente com o auxílio, e as pessoas estão desempregadas. E tem as pessoas que pedem auxílio sem precisar. E acabam levando o dinheiro do governo que iria para outras coisas. ” (Rio de Janeiro, +25 anos, C/D, qualquer religião, não arrependido do voto)*

*“É o presidente que prometeu tanta coisa e a gente não viu nada. Estão mais atrapalhando que ajudando. Não estão ajudando financeiramente as empresas. Estão mais tirando o sarro do que ajudando.” (Curitiba, + 25 anos, A/B, qualquer religião, arrependido do voto)*

## **Adesão a valores**

### **Família, gênero e valores tradicionais**

O primeiro vídeo mostrado aos participantes é uma reportagem da TV Record relatando o discurso de Bolsonaro na Marcha para Jesus, pela Família e pelo Brasil, em 10 de agosto de 2019. Nesse discurso o então presidente diz:

*“Se querem que eu acolha isso” [se referindo aos direitos da população LGBT], apresentem uma emenda à Constituição e modifiquem o artigo 226, porque lá está escrito que família é homem e mulher. E mesmo mudando isso, como não dá pra emendar a Bíblia, eu vou continuar acreditando na família tradicional”.*

O vídeo então corta para outra parte do discurso, no qual o político declara:

*“O presidente que acredita e valoriza a família, vai respeitar a inocência das crianças de em sala de aula. Não existe essa conversinha de ideologia de gênero. Isso é coisa do capeta!”*

No segmento de bolsonaristas que não se arrependeram do voto, a intensidade da defesa da “família tradicional” (composta por homem e mulher), conforme as palavras de Bolsonaro no vídeo, caminha em paralelo ao vínculo religioso do participante. A menção à Bíblia, que orientaria a união entre homens e mulheres, faz parte dos argumentos centrais dos participantes evangélicos. Para os mais moderados, mesmo quando concordam com Bolsonaro, acrescentam que o presidente deveria abordar o tópico de um modo mais leve, pois seu jeito soa agressivo e desrespeitoso. Radicalmente distinta é a avaliação do segmento que está arrependido do voto, com ligeira exceção para os grupos de Curitiba. Avaliam que tal concepção de família é equivocada e não condiz com a postura de um presidente. Afirmam também que a família encontra sua unidade no amor e não na combinação de gêneros de seus membros. Ademais, pontuam, a família tradicional, não raro, é palco de todo tipo de violência.

Esse tópico apresentou diferenças regionais. Por exemplo, em Curitiba houve maior identificação com o vídeo em todos os segmentos, inclusive no grupo de arrependidos de classe A/B. No Rio de Janeiro e São Paulo, mesmo em grupos que continuam apoiando Bolsonaro, há críticas ao conteúdo homofóbico da fala e ao estilo agressivo da fala do presidente. Muitos bolsonaristas convictos também reconhecem essa inadequação de estilo, mas a reputam à espontaneidade do presidente, vertendo vício em qualidade.

*“Eu concordo que casamento tem que ser homem e mulher. Eu acho muito bonito ele combater, essas coisas ele não aceita por isso que a oposição parte de tudo pra tirar ele. Para mim também casamento tem que ser entre homem e mulher. É assim que a palavra ensina” (Belém, +25 anos, C/D, evangélico, não arrependido do voto)*

*“O conceito de família está em constante mudança. Nem sempre a família é formada por pai mãe. Família é onde tem amor. Ao afirmar isso você está deslegitimando os outros tipos de família. Não é legal dizer isso.” (Rio de Janeiro, +25 anos, C/D, qualquer religião, arrependido do voto)*

*“O povo brasileiro não está acostumado com o presidente falar do jeito que ele fala. A mídia então pega no pé. É claro que ele exagera as vezes ultrapassa o que*

*deve dizer, e a mídia acaba aproveitando para cair em cima dele.” (Rio de Janeiro, +25 anos, C/D, qualquer religião, não arrependido do voto)*

*“Eu concordo que a família é homem mulher. Eu quero isso para mim, mas a gente tem que respeitar quem é diferente. Eu acho que é desrespeitoso a maneira como ele coloca a afirmação.” (Belém, +25 anos, C/D, evangélico, não arrependido do voto)*

*“Eu concordo com o que ele está falando, a família formada de homem e mulher, com os pais educando, ensinando o caminho de Deus. Dois homens ou duas mulheres já está fora. Fica difícil entender a cabecinha deles.” (Goiânia, +25 anos, C/D, evangélica, não arrependido do voto)*

*“Eu acho que aqui no Brasil há uma grande desinformação. Eu discordo totalmente do que ele disse no vídeo. Tudo que ele falou ali é uma má interpretação de coisas que ele mesmo não entende.” (Rio de Janeiro, +25 anos, C/D, qualquer religião, arrependido do voto)*

*“Eu sou neutro. Não sou a favor nem contra. Eu não gostaria que na minha família tivesse alguém homossexual, mas se vier eu vou amar do mesmo jeito, porque quem sou eu para estar julgando o próximo.” (São Paulo, +25 anos, C/D, evangélica, não arrependido do voto)*

O vídeo “família” trouxe também a discussão sobre a “ideologia de gênero”. Esse aspecto foi muito mais unânime do que o assunto anterior. Quando a expressão é introduzida, o apoio a Bolsonaro ganha força. É generalizado o entendimento de que durante os governos do PT a educação pública foi orientada para “ensinar sexo” às crianças e a naturalizar a homossexualidade. As raras exceções se encontram no segmento arrependido. São pessoas que reconhecem ser a educação sexual diferente de “ensinar sexo” nas escolas. Contudo, a maioria dos participantes não possui essa noção e afirma que caberia à família conversar com a criança e orientá-la dentro do que consideram o correto.

Os participantes acreditam que haveria hoje uma “modinha” segundo a qual as crianças e adolescentes são estimulados a experimentar beijos e contatos amorosos com pessoas do mesmo sexo. Atribuem tudo isso ao nebuloso conceito de “ideologia de gênero”, algo que repelem veementemente, pois a tomam como uma ameaça à família. A cartilha de educação sexual supostamente adotada pelo MEC e o “kit gay” são citados mais de uma vez por bolsonaristas aguerridos como fatos incontestes.

*“Eles querem enfiar goela abaixo. O pessoal que está na frente da ideologia de gênero, que quer essas leis nessa coisa toda, eles querem que a gente aceite de qualquer maneira, eu não acho decente isso.” (Recife, +25 anos, C/D, evangélica, não arrependido do voto)*

*“Eu concordo no caso das crianças, tem que saber como falar viu? Tudo tem um tempo, um tempo certo, como aquela cartilha das crianças que foi tão falada.” (São Paulo, +25 anos, C/D, qualquer religião, não arrependido do voto)*

*“Eu sou favorável ao que o presidente pensa, mas a forma de falar pode ofender os mais sensíveis. Eu sou a favor da família e sou contra a introdução na escola, porque isso é introduzido na escola. Eu concordo com o pessoal que pai e mãe é que dão educação. Eu respeito a todos, mas sou muito família.” (Curitiba, +25 anos, C/D, evangélica, não arrependido do voto)*

*“Eu achei meio grave o comentário dele, que a família deve ser entre homem e mulher. Mas acho certo não incentivar as crianças a se decidir desde criança qual sexo assumir, e não mostrar desde criança o que é e o que não é.” (São Paulo, até 25 anos, C/D, qualquer religião, não arrependido do voto)*

*“Para mim família não é só isso, homem e mulher. Eu estou aqui agora dentro do hospital. Vivo acompanhando minha vó que está em estado terminal. Já é a minha família. Eu deixei o meu marido no Rio de Janeiro, pus meu casamento segundo o plano. Eu estou aqui 24 horas por dia junto com a minha avó. Ela é minha família.” (São Paulo, + 25 anos, A/B, qualquer religião, arrependido do voto)*

*“Eu concordo que todas as pessoas merecem respeito, mas a família tradicional também merece respeito. Eu não acho que passando por cima dos valores de quem quer que seja, que esteja brigando por direitos, eu acho que existe uma forma de dialogar e de se estabelecer o respeito sem invadir o espaço do outro.” (Recife, +25 anos, C/D, qualquer religião, não arrependido do voto)*

### **Segurança pública e armas**

O vídeo que dá início às discussões traz Bolsonaro respondendo a um entrevistador sobre o tema. Ele foi retirado da internet desde sua publicação. Para que ficasse disponível novamente, subi uma cópia para minha página pessoa do Youtube.

Nesse vídeo curto, Bolsonaro repassa pontos que defendeu em inúmeras ocasiões. Nas palavras do entrevistado:

*“A questão do armamento, é irresponsável o governo que desarma o cidadão de bem e deixa a vagabundagem muito bem armada. Eu quero equilibrar esse jogo, dar o direito à legítima defesa da população. Não é você comprar na birosca da esquina uma .40 para você. Vai ter algum critério para essa questão, né? No tocante à posse de arma de fogo e, depois, mais alguns critérios no tocante ao porte de arma de fogo. E botar no código penal a legítima defesa de fato. Você, você atirando em alguém dentro da tua casa, ou defendendo a tua vida ou*

*patrimônio, no campo, na cidade, você responde, mas não tem punição. Eu tenho certeza de que os nossos policiais civis e militares darão conta do recado”.*

Não houve consenso sobre o tema mesmo no segmento que ainda apoiava Bolsonaro. Para quem defende a medida, os principais argumentos utilizados foram baseados na falta de policiamento em alguns bairros (a polícia demora para chegar ou sequer comparece), na defesa da família e da propriedade privada em caso de roubo ou assalto, ou mesmo no direito a ter uma arma, pois “os bandidos já têm”. Quem não concorda com a medida, no segmento de apoiadores, acreditava que “violência gera mais violência”.

Já no segmento de arrependidos emergiu o argumento de que a segurança é um dever do Estado, e não uma tarefa individual, de cada cidadão. Vale destacar que os participantes oriundos de famílias com militares e policiais tenderam a ser favoráveis à medida, inclusive as mulheres. Quando estimulados pela moderação a considerarem um potencial acidente doméstico com armas, avaliaram que se trata de uma ameaça contornável, pois os pais podem ensinar e orientar os filhos a lidar com elas, além de guardá-las em lugar seguro. Nesse tópico específico, a religião do participante não parece estar correlacionada a um maior ou menor apoio.

*“Uma parte que o presidente falou eu concordo, uma parte não. Hoje em dia se você tem uma arma não é só Deus para lhe guardar. Porque o bandido é astuto. Ele não tem medo de nada. Um cidadão de bem, mesmo sendo treinado, sendo capacitado, ele não tem a habilidade que o bandido tem.” (Belém, +25 anos, C/D, evangélico, não arrependido do voto)*

*“Eu concordo que o cidadão deve ter o direito de ter a posse de arma pra poder se defender. O porte já é mais difícil comentar, porque andar armado no país que a gente vive... acho que até pessoas que, vamos dizer assim, porventura possam ter armas que não são legais, podem vir e tomar de você. Mas para defender sua própria residência e seu local, o cidadão poderia ter essa posse para defender o seu bem” (São Paulo, até 25 anos, C/D, qualquer religião, não arrependido do voto).*

*“Faz muito sentido o que ele falou viu. Imagina alguém invade minha casa agora. Eu não tenho como me defender. Imagina se eu atiro no bandido e depois tenho que responder por isso. Agora tem uma legalidade. Quem já puder legalizar, acho super válido.” (Rio de Janeiro, +25 anos, C/D, qualquer religião, não arrependido do voto)*

*“Na verdade, eu acho que isso é um discurso de esquerda, para evitar que as pessoas de bem tenham uma arma dentro de casa, mais do que outra coisa. A pessoa pode usar uma faca para matar a outra pessoa. No caso da mulher, por exemplo, ela não consegue se proteger do homem que é mais forte que ela. A arma*

*é o meio mais fácil dela poder se defender.” (São Paulo, até 25 anos, C/D, qualquer religião, não arrependido do voto)*

*“Eu sou super a favor do armamento, é como vi num vídeo sobre violência doméstica, se a mulher tiver um armamento, vai poder se defender dos caras que são violentos. Eu compraria da cor rosa. Acho que essa coisa de acidente não tem nada a ver. Tem arma branca, a faca. A pessoa quando quer fazer pega um pedaço de pau, uma faca... As pessoas gostam de sempre criticar o presidente.” (Rio de Janeiro, até 25 anos, C/D, qualquer religião, não arrependido do voto)*

Chama a atenção, na grande maioria dos grupos, a adesão a uma imagem idealizada dos Estados Unidos. Aqueles que defendem o porte e a posse de armas usam o exemplo daquele país para argumentar que lá há maior segurança e todos têm armas. Aqueles que são contrários também usam o exemplo para dizer que a população brasileira não tem o mesmo nível de educação da norte-americana, e, portanto, não seria capaz de lidar de maneira responsável com o acesso privado ao armamento.

Outra fala muito recorrente entre aqueles que defendem as armas é que isso não se dará de maneira fácil, pois os pleiteantes terão que passar por exames psicológicos, testes e por averiguação conduzida pelo Exército. Assim, só pessoas responsáveis terão permissão, interpretação aludida na fala de Bolsonaro. Muitos também fazem um paralelo entre o processo de obtenção da Carteira Nacional de Habilitação (CNH) e aquele que seria implantado para a concessão de posse e porte de armas de fogo.

Os participantes que são favoráveis à disseminação do porte e da posse aderem à máxima de que quem mata é a pessoa e não a arma. Para eles, armas brancas, como facas, já estariam a disposição de “quem quer fazer coisa ruim”. Outros defensores acrescentam que a liberação do acesso às armas deveria ser acompanhado pelo endurecimento do código penal, a fim de limitar o abuso eventual pelo medo da punição mais severa.

*“Eu sou a favor da população ter mais acesso a armamento e a porte de arma. O problema é você colocar isso no contexto do nosso país. Que é um país extremamente violento, um dos países mais violentos do mundo. A gente vê o número de solução de casos de homicídio menos de 5% dos casos são resolvidos.” (Curitiba, + 25 anos, A/B, qualquer religião, arrependido do voto)*

*“Eu acho que o bandido pensaria 2 vezes antes de entrar na nossa casa. Eu concordo com o Bolsonaro. Tem que ter um treinamento. Tem que instruir antes. É como tirar habilitação, a pessoa passa por um psicólogo.” (Goiânia, +25 anos, C/D, evangélica, não arrependido do voto)*

*“Sou a favor de liberar, mas acho que o Brasil ainda não está nesse patamar de educação. A gente não tem todo esse desenvolvimento de um país que teria essa cultura de utilizar da maneira correta. A gente tem muita coisa para tratar: a*

*violência, a pobreza, a miséria, do que ficar liberando arma para piorar todo o país.” (Curitiba, + 25 anos, A/B, qualquer religião, arrependido do voto)*

*“O pessoal do direito sabe que o nosso código penal precisa ser reformado há muito tempo. Eu fico imaginando se isso daria certo num país como o Brasil. Como nos Estados Unidos que tem isso mais liberado e a gente sabe de problemas que acontecem lá. E como seria o brasileiro armado? Se comparar o povo brasileiro com o povo norte-americano, eu acho que a mentalidade não é mesma. Viraria uma chacina. Eu acho que é um problema em relação à criminalidade” (Goiânia, +25 anos, C/D, qualquer religião, não arrependido do voto)*

*“Aqui não é Estados Unidos, o pessoal quer idealizar fazer como se fosse Estados Unidos. Os Estados Unidos têm a estrutura deles desde que nasceram, nós não temos. Quando a gente fala de arma de fogo, a gente passa por cima da questão educacional. O Brasil precisa de educação e não de ter armas de fogo. A gente tem que pensar também a questão das classes no Brasil. Os ricos querem ter armas para se defender dos pobres. Além do mais tem a nossa polícia que não consegue defender o povo. Temos que ficar do jeito que está sem arma e só a polícia.” (São Paulo, +25 anos, C/D, evangélica, não arrependido do voto)*

*“Se existisse o direito para te ama no Brasil seria com prudência organização e decência. É como o sniper, ele precisa de um treinamento. Tem todo um processo legal para adquirir esse objeto. E ele teria consciência de que esse objeto seria usado somente numa necessidade extrema.” (Belém, + 25 anos, A/B, qualquer religião, arrependido do voto)*

### **Corrupção e Lava Jato**

O vídeo sobre corrupção tem a Operação Lava Jato como tópico principal. Ele traz Bolsonaro, na função de Presidente da República, discursando em um ato de apoio à aviação civil, no dia 10 de outubro de 2020. O detalhe pitoresco é a presença de Luciano Hang ao seu lado, vestido com seu terno verde e amarelo.

Nas palavras de Bolsonaro:

*“É uma satisfação que eu tenho, dizer para essa imprensa maravilhosa nossa, que eu não quero acabar com a Lava-Jato. Eu acabei com a Lava-Jato. Porque não tem mais corrupção no governo.... [palmas esparsas da plateia]. Eu sei que isso não é virtude, é obrigação”.*

O vídeo, em que Bolsonaro afirma que “não há mais corrupção no Brasil”, foi avaliado por muitos participantes como exagerado, mesmo entre seus mais fiéis apoiadores. Esse segmento acredita que o presidente de fato acabou com a corrupção na Presidência da República, mas não no seu governo como um todo, pois a corrupção é endêmica à política. Já aqueles que estão arrependidos avaliam o vídeo de modo extremamente negativo, como

uma farsa. Nesse segmento, o caso da “rachadinha” envolvendo Flávio Bolsonaro surgiu espontaneamente.

Quando estimulados a falar sobre a “rachadinha”, seus apoiadores mais renitentes dizem haver uma separação entre a responsabilidade do pai e do filho. Desse modo, afirmam que Bolsonaro não tem culpa alguma, nem deve ser considerado corrupto pelos atos do seu filho. Contudo, para ser coerente, ele teria que apoiar as investigações de modo isento. Muitos têm certeza da total honestidade do presidente e de seu empenho na luta contra a corrupção.

*“Dizer que terminou a corrupção no Brasil não é verdade, mas melhorou bastante. A gente tem uma cultura, isso está no jeitinho brasileiro. A gente precisa modificar esse jeitinho brasileiro de ser. “(Recife, +25 anos, C/D, evangélica, não arrependido do voto)*

*“(rachadinha) Isso acontece não só no Rio de Janeiro, acontece em todo o Brasil, em todas as assembleias legislativas. A maioria dos deputados, 99% fazem isso. Isso sempre vai acontecer. Está tendo muita evidência com isso porque ele é filho do Bolsonaro. Se Bolsonaro tivesse alguma coisa muito suja pessoal já teriam descoberto. Como não conseguem achar alguma coisa, começam a fuçar a família toda.” (Belém, +25 anos, C/D, evangélico, não arrependido do voto)*

*“Se é verdade, não é como a Globo diz que é não, por que a Globo hoje em dia bota as coisas de ponta-cabeça. Quem não conhece termina acreditando. Tem aquela turma do PT que fala: olha aí a Globo falando, você já viu o Globo falar? A gente arruma até barulho do nada, se disser que votou no Bolsonaro, ficam até contra você. O povo aqui fica com raiva, a turma do PT fica sem falar com você. Se brincar, querem até brigar com a pessoa, ficam com raiva da pessoa.” (Recife, +25 anos, C/D, evangélica, não arrependido do voto)*

*“2 anos de pandemia e já tem CPI. O Moro conseguiu, a Lava jato deu toda aquela credibilidade. Aí vem o Bolsonaro. Mais Esperança para o povo brasileiro. Aí vem o Bolsonaro, esperança 100%. Mas eu me senti num castelo de areia. A esperança e credibilidade, foi jogada água em cima.” (Curitiba, + 25 anos, A/B, qualquer religião, arrependido do voto)*

*“Eu acho que o presidente realmente é honesto. Ele não é um corrupto. Mas tem que ter a Lava jato. Porque o presidente não dá conta de olhar tudo. Pode ter político cometendo infrações roubos e ele não sabe. Ai que tem que ter a Lava jato para poder punir essas pessoas que estão roubando o governo. E o próprio presidente não sabe que eles estão roubando. O Bolsonaro sim é um homem íntegro, ele é honestíssimo. Antes de ser presidente, ele já era honesto. E agora ele é mais honesto ainda.” (Goiânia, +25 anos, C/D, qualquer religião, não arrependido do voto)*

*“Ele era santo até a eleição, depois que virou presidente começou a aparecer coisa envolvendo o filho dele. A Lava jato foi muito importante para ele se eleger, foi muito importante para o país também” (Recife, até 25 anos, C/D, qualquer religião, arrependido do voto)*

*“É engraçado ele dizer isso, porque acabar com a corrupção é impossível mesmo nos países mais avançados. Tem muitas coisas para a gente levar em consideração inclusive de muitos familiares dele que estão envolvidos em problemas da política. Foi engraçado ele falar isso. Se tem um político que detesta a imprensa é ele. É engraçado ele falar que acabou com a corrupção. É obrigação do presidente tentar diminuir um pouco porque acabar eu acho difícil.” (Rio de Janeiro, +25 anos, C/D, qualquer religião, arrependido do voto)*

A maioria dos participantes acredita que a Lava Jato não deveria parar, pois ela funcionaria como um instrumento de controle da corrupção dos políticos. Com o fim da Lava Jato prosperaria o sentimento de impunidade no mundo da política. Muitos participantes bolsonaristas convictos criticam o STF por ter interrompido os trabalhos da operação, assim como a anulação das condenações do ex-presidente Lula. Já aqueles mais críticos ao ex-capitão afirmam que não foi ele quem acabou com a operação, e que novamente ele estaria mentindo. Fazem isso a mesmo tempo que exprimem uma imagem positiva da Lava Jato.

A maioria dos apoiadores de Bolsonaro acredita que seu filho Flávio de fato está implicado no caso das rachadinhas, mas que haveria repercussão excessiva devido ao empenho da Rede Globo para prejudicar o presidente.

*“Acho que ela já deveria ter continuado (Lava Jato), pois em relação à política, é muito mais fácil você corromper o sistema do que você continuar com seus ideais, com o seu pensamento. Nessa questão de fiscalização dos políticos deveria ter continuado uma Lava Jato, mas que acontecesse de uma forma mais ampla.” (Curitiba, até 25 anos, C/D, qualquer religião, não arrependido do voto)*

*“Pra mim pesa muito a questão do medo. A Lava jato deveria continuar pela questão do medo, porque os políticos deviam ter medo de serem descobertos e não fazer. A maior eficácia da Lava jato é o medo, o medo eles seguirem seus ideais, porque é muito fácil você se corromper vendo milhares fazerem a mesma coisa.” (Curitiba, até 25 anos, C/D, qualquer religião, não arrependido do voto)*

*“Eu não votei no filho de Bolsonaro, eu votei em Bolsonaro. A maior bandeira da direita é não defender bandido. Eu já votei no Lula, já votei em Dilma e hoje são as pessoas que eu mais detesto na vida. Eu acredito que Flavio Bolsonaro fez a rachadinha. Isso é cultura na política.” (Recife, +25 anos, C/D, qualquer religião, não arrependido do voto)*

*“Eu acho que quem acabou com a Lava Jato foi o STF, não Bolsonaro. Foram os ministros que foram soltando. Eu votei no Bolsonaro, faço campanha para ele 24 horas, voltarei novamente quantas vezes se candidatar, mas tem certas coisas que eu não concordo com ele. Às vezes ele fala demais, ele devia pensar pra falar, e ele fala pra depois pensar o que falou. Eu não vejo nada de errado na gestão dele. Simplesmente não estão deixando ele governar.” (São Paulo, +25 anos, C/D, qualquer religião, não arrependido do voto)*

*“Não existe negócio de que roubou, mas fez. Eu acho que cada um é responsável por suas atitudes. Caso ele venha fazer isso, tem que responder pelos atos dele. A única coisa que eu não acho justo é meu filho quebrar um copo e eu ser culpado. O exemplo do pai que tem, está por aí há um bom tempo, e nunca se sujou com nada. Ele deveria seguir o espelho do pai dele. Se cometer um erro tem que pagar, como o pai dele diz.” (Belém, +25 anos, C/D, evangélico, não arrependido do voto)*

### **Relação entre militares, democracia e administração pública**

Para induzir a conversa sobre os militares e sua participação na política, começamos por mostrar um vídeo de Bolsonaro, já presidente, falando para seu cercadinho. Ele começa acusando um agente indeterminado de querer levar o Brasil para o socialismo usando a estratégia de “sucatear as forças armadas nos últimos vinte anos”. A razão dessa estratégia de sucateamento, segundo ele, é porque “nós militares somos o último obstáculo contra o socialismo” e emenda “quem decide se um povo vai virar uma democracia ou uma ditadura são suas forças armadas”. Bolsonaro ainda termina com uma ameaça dizendo que ainda há liberdade no Brasil, mas “se nós não reconhecermos o valor dos homens e mulheres que estão lá, tudo pode mudar”. E termina com a tirada “imagina o Haddad no meu lugar”, que provoca risos na audiência do cercadinho.

A discussão nos grupos se encaminhou para temas como a ocupação de cargos por militares, no atual governo, e as percepções sobre um potencial retorno da ditadura militar. É preciso destacar que o apoio ao retorno da ditadura foi bastante minoritário, mesmo entre os grupos de apoiadores mais fiéis ao presidente. As falas carregadas de entusiasmo acerca da perspectiva da mudança de regime foram limitadas a poucos participantes, geralmente mais velhos e de posicionamento bastante radical em todos os temas. Contudo, houve um grupo maior que avaliava a ditadura de modo positivamente saudosista, acreditam ter sido uma época de segurança, sem corrupção e pouca violência, e que fora ruim apenas para “gente da esquerda”. Há também uma visão de que o regime militar não teria sido de fato uma ditadura, pois ditaduras são como na Venezuela ou em Cuba.

Ainda que não tenha sido tema de vídeo, o STF surgiu espontaneamente na fala de alguns entrevistados neste momento. Em sua visão, Bolsonaro seria perseguido pela corte e

estaria com dificuldades para promover seu projeto político. Desse modo, a aproximação com os militares seria uma estratégia para equilibrar o jogo.

*“Eu não tenho autoridade para falar sobre esse assunto porque eu não vivi na ditadura. Eu só ouvi histórias, só estudei sobre. Eu espero que a gente mantenha a democracia. Sobre apoiar o exército nas discussões políticas eu apoio.” (Goiânia, até 25 anos, C/D, qualquer religião, não arrependido do voto)*

*“O que ele falou do militarismo é questão de ordem mesmo, não de ditadura. O STF manda e desmanda, o Bolsonaro fica de mãos atadas. Uma coisa precisa mudar internamente. É mudança, e Bolsonaro quer mudar. Às vezes ele fica de mãos atadas.” (Curitiba, +25 anos, C/D, qualquer religião, não arrependido do voto)*

*“Para mim voltar ditadura é regredir depois que a gente alcançou democracia. O problema do militarismo é que o Bolsonaro põe no meio da saúde quem não é médico. O regime militar deveria ser adaptado para estar na parte administrativa. Ele pode ser readaptado. Dentro do quartel funciona. Mas na administração da saúde não.” (Curitiba, até 25 anos, C/D, qualquer religião, não arrependido do voto)*

*“Eu vivi na época do governo militar, não se ouvia falar de assalto, você saía na rua e andava na hora que queria, os muros, não tinha portão, o cidadão vive hoje atrás das grades e o bandido está solto na rua. Não sou a favor da ditadura, fazer uma coisa muito feroz, mas que seja uma coisa leve e que ponha ordem no galinheiro.” (São Paulo, +25 anos, C/D, qualquer religião, não arrependido do voto)*

*“Pelo que eu pesquisei de história, nós nunca tivemos ditadura, nós tivemos governos militares, ditadura a gente vê na Venezuela, viu na sucessão do Maduro com Hugo Chávez, o Evo Morales por exemplo no Peru. Isso se enxerga como ditadura. A pessoa vai falar alguma coisa e morre. Liberdade de expressão funciona para a esquerda pra atacar o Bolsonaro, mas se você a crítica alguém você é chamado de fascista e de homofóbico. Nós já estamos numa ditadura. Só umas migalhas servem para dizer que a gente vive uma democracia. A gente precisa ter muito olho para saber o que é democracia e se houve ditadura. A ditadura que a Globo fala não existe.” (São Paulo, +25 anos, C/D, qualquer religião, não arrependido do voto)*

Se a volta da ditadura militar é rejeitada pela maioria, o mesmo não pode ser dito da ocupação de cargos do poder Executivo pelos militares. O grosso dos apoiadores de Bolsonaro tem uma visão bastante idealizada dos militares, como pessoas de valores firmes, disciplinadas e obedientes à hierarquia, fator que muitos enxergam como extremamente positivo em um país em que tudo vira “bagunça”. A ideia de que os

militares são menos corruptos quando comparados aos políticos também emerge nas narrativas dos participantes.

Alguns apoiadores, particularmente nos grupos de São Paulo, relataram aumento da sensação de segurança desde que Bolsonaro foi eleito. Isso seria um reflexo, na concepção dos entrevistados, de sua proximidade com a corporação policial.

Em grupos de eleitores arrependidos do voto, foram feitas críticas à falta de experiência e treinamento dos militares para exercer alguns cargos técnicos. Apareceram diversas menções, inclusive no segmento de apoiadores, à incompetência do General Pazzuello na condução do ministério da Saúde.

*“Eu sou de família militar, inclusive já fui militar, eu não sei se é impressão, mas depois que o Bolsonaro ganhou, eu sinto que em São Paulo particularmente, eu sinto que nossa cidade está mais segura. Eu não sei vocês, mas eu não moro numa região nobre. Eu acho que está bem mais seguro. Não sei se é um apoio político dele está apoiando bastante os militares e a polícia isso acaba desencadeando um combate maior à criminalidade” (São Paulo, +25 anos, C/D, qualquer religião, não arrependido do voto)*

*“Ele sabe que essa questão dos militares é bastante delicada aqui no Brasil, é porque a gente teve o regime militar, isso sempre vai ser um tabu, muito delicado, gera muita discussão. As forças armadas realmente são sucateadas no Brasil, se a gente comparar com outros países. Mas eu não concordo com a forma que ele disse de que quem decide são as forças armadas. O dever constitucional é defender e apoiar a população, mas envolver a política do presidente da República com essa questão da democracia, ameaçar com as forças armadas, esse assunto não é cabível, e não é viável para o momento da gente.” (Recife, até 25 anos, C/D, qualquer religião, arrependido do voto)*

*“(ditadura) Inviável para o Brasil nos dias de hoje. Se ele fizesse isso seria uma grande repercussão mundial, só quem iria perder era o Brasil. Tem muita coisa que ele fala que é só pra agradar quem votou nele. Ele falou que não ia comprar vacina da China. Esse é o grande mal dele. Se tornou presidente mas continua governando somente para o público dele, infelizmente é isso.” (Belém, + 25 anos, A/B, qualquer religião, arrependido do voto)*

*“Colocar militares em outros tipos de funções que não são de segurança eu acho incorreto. Você é militar, serviu o exército, tem entendimento de segurança, eu não acho correto colocar na área de saúde. Em relação à ditadura eu acho que o Brasil não consegue viver uma ditadura novamente.” (Goiânia, até 25 anos, C/D, qualquer religião, não arrependido do voto)*

*“Alguns ministros militares têm conhecimento na área, mas outros não, alguns nem sabem por que estão lá. Só estão ali porque são militares, ganharam uma*

*divisa de general, eles estão ali porque é só de politicagem.” (Recife, +25 anos, C/D, evangélica, não arrependido do voto)*

### **Pandemia, ciência e desinformação**

No quinto e último vídeo mostrado aos participantes dos grupos focais, Bolsonaro abre argumentando que não se deve correr para comprar vacina, pois não há comprovação de sua eficácia. Em seguida diz que a vacina criada mais rapidamente, demorou quatro anos e que, portanto, não “sabe porque correr em cima dessa”. Então, introduz o argumento de que seria mais fácil investir na cura do que na vacina, dizendo: “eu, por exemplo, sou um testemunho (sic), eu tomei hidróxido de cloroquina, outros tomaram Ivermectina, outros Anitta..., e deu certo. E pelo que tudo indica, todo mundo que tratou precocemente com essas três alternativas aí, foi curado”.

Os participantes se envolveram em duas discussões principais: a vacina (necessidade e urgência) e o uso de tratamento precoce com medicamentos sem comprovação científica. A maioria declarou pretender se vacinar e avaliou que esse é o caminho adequado. Contudo, os apoiadores mais fiéis, particularmente aqueles de orientação religiosa evangélica, disseram que a demora na compra da vacina foi produto da cautela do presidente. Ou seja, foi um “cuidado” de Bolsonaro para não colocar em risco a saúde da população. Já os arrependidos do voto demonstraram forte indignação pelo atraso no início da vacinação.

Emergiram dúvidas sobre a eficácia da vacina. Para alguns participantes a China é a culpada pelo vírus e por isso o desenvolvimento de uma vacina em solo chinês tornaria a mesma digna de desconfiança. Haveria interesse comercial na venda das vacinas por parte daquele país e de outras indústrias farmacêuticas, o que denota má fé. A ANVISA foi também citada por não ter autorizado a vacina com antecedência, tirando assim a responsabilidade do presidente pela falta de interesse na compra antecipada.

*“Foi falado que o Brasil está demorando muito para dar a vacina pela mídia, dando pancada ao governo. Mas a vacina não se faz do dia para o outro. É muito estudo, muita pesquisa. O governo teve a sua preocupação. O Brasil é o quarto país do mundo que está entre o povo mais vacinado. Estamos acima de países ricos da Europa. Tem muita gente que já foi vacinada aqui. Se essa vacina vai funcionar ou não, eu não sei. A China lançou o vírus e agora ela está lucrando com isso. A China está no topo da economia mundial.” (Rio de Janeiro, até 25 anos, C/D, qualquer religião, não arrependido do voto)*

*“Eu acho que Bolsonaro estava certo naquele momento. Naquele momento não tinha certeza de nada. Ele optou por não pedir. As pessoas comentam que ele não quis mas eu concordo com ele. Até hoje a gente sabe que a vacina não é 100%. A vacina é só para amenizar” (Goiânia, +25 anos, C/D, evangélica, não arrependido do voto)*

*“Eu acho que ele foi omissos nessa situação. A gente está vendo uma situação que não dá para esperar 4 anos, como ele disse, pra gente. Tem que meter o pé pelas mãos, tentar de todas as formas, ele não perdeu parente mas muita gente perdeu. Tem muita gente morrendo. É uma coisa que deixar que daqui a 4 anos a gente resolve, não dá.” (São Paulo, +25 anos, C/D, qualquer religião, não arrependido do voto)*

*“Ele recusou 70 milhões de doses da Pfizer. Muitos países se anteciparam, um bom sinal, muitos países estão abolindo o uso de máscaras porque souberam se prevenir, souberam se guardar. Se ele diz que no Brasil acabou a corrupção, por que não teve dinheiro para comprar as doses? Eu perdi 4 pessoas da minha família por causa da covid. Eu tenho medo de pegar. É horrível a gente entrar com medo no BRT.” (Rio de Janeiro, +25 anos, C/D, qualquer religião, arrependido do voto)*

*“É um assunto muito delicado, porque a pandemia invadiu a casa do brasileiro sem pedir licença. Em relação à posição do Bolsonaro, ele mudou um pouco o discurso ultimamente devido à pressão que vem sofrendo por causa da falta de vacina. Quando as vacinas foram regularizadas, ofereceram a compra ao Brasil, ele não aceitou, alegando que não tinha provas suficientes que iam fazer efeito. E a gente está com quase 500 mil mortes aí. É muito complicado. Deveria ter apostado na vacina assim como ele apostou na cloroquina.” (São Paulo, +25 anos, C/D, evangélica, não arrependido do voto)*

*“Eu acho que ele tinha que ter investido na vacina, como os Estados Unidos e outros países. Eles não estão mais usando máscara. Já estão voltando a rotina. Eu acho que ele deveria ter investido mais na questão da vacina.” (Belém, até 25 anos, C/D, qualquer religião, não arrependido do voto)*

Quanto ao uso de tratamento precoce com medicamentos sem comprovação científica, não houve consenso. Porém, uma parcela significativa dos entrevistados concordou com Bolsonaro acerca de sua eficácia. Muitos declaram ter, eles mesmos, tomado os medicamentos recomendados pelo presidente. Outros participantes citaram ter testemunhado amigos e familiares serem curados pelos medicamentos citados por Bolsonaro. O tratamento precoce serviria de reforço à imunidade, que pode ou não funcionar, sem maiores danos, tal como o uso de uma vitamina.

Na visão de muitos participantes, diante das incertezas sobre tudo que circunda a Covid-19, o tratamento precoce seria uma alternativa que funcionaria para algumas pessoas. Assim, segundo essa narrativa, vale a pena arriscar. Mesmo quando foram estimulados pela afirmação da mediação de que estudos científicos negam a eficácia dos medicamentos, os participantes utilizaram o argumento de que alguns médicos dizem o oposto. Ou seja, utilizaram a suposta autoridade dos médicos sobre a ciência para

questionar a legitimidade do saber científico, adotando um raciocínio do tipo: se não há consenso entre os médicos, logo, esses estudos científicos podem ser questionados.

Houve comparações do tratamento precoce com práticas como a homeopatia e outras medidas terapêuticas populares. Segundo esse raciocínio, mesmo não havendo comprovação científica da eficácia, muitas pessoas são de fato curadas por esses procedimentos. Chama atenção a ausência de temor sobre os danos causados pelos medicamentos. Os mais radicais declararam existir interesse da indústria farmacêutica de vender vacinas, já que os medicamentos são muito mais baratos e dariam pouco lucro.

*“Sou totalmente a favor da ciência. Sou a favor do tratamento precoce e a favor do antídoto. Quanto mais coisas a gente fizer contra essa doença, acho melhor.” (Recife, +25 anos, C/D, qualquer religião, não arrependido do voto)*

*“Por ser cristão acredito no que o Bolsonaro falou: tem que tratar de várias formas, tanto com vacina como com medicação. Eu tratei com Cloroquina e tratei com Ivermectina. Não tratei com azitromicina. Porque na segunda vez que eu peguei foi mais elevado. Então entrei com antibiótico mais forte. De patamar mais alto. Com as medicações que o presidente falou aí eu fui ficando cada vez melhor. Eu tenho certeza.” (Goiânia, +25 anos, C/D, evangélica, não arrependido do voto)*

*“Eu tive covid ano passado e fiz tratamento com ivermectina e azitromicina, comigo funcionou, ponto. Eu sou favorável à vacina, mas acho que ninguém é obrigado a tomar vacina. Toma quem quer. Eu tomaria. Quando chegar a minha vez eu vou tomar.” (Recife, +25 anos, C/D, evangélica, não arrependido do voto)*

*“Todo dia sai um trem dizendo que o governo federal impediu a vacinação desde junho do ano passado. Eu não fico chegando em posição de perguntar da onde é a vacina, quem foi que fez. Pra mim ele está totalmente errado. A gente não pode ficar focando no ramo que ninguém mais está focando, em cloroquina. Ele tinha que ter conseguido essa vacina de qualquer jeito. Qualquer vacina que der certo, que a Anvisa desse a aprovação, tinha que ter comprado.” (Recife, +25 anos, A/B, qualquer religião, arrependido do voto)*

*“O Brasil sempre esteve atrás em alguns aspectos, em muitos aspectos, em relação à saúde e em relação às vacinas. Eu acredito que o governo fez o que tinha que ser feito e que não teria como, em relação aos recursos, eles terem comprado.” (São Paulo, +25 anos, C/D, qualquer religião, não arrependido do voto)*

*“Eu concordo com o tratamento precoce. Toda doença que é tratada no início, ela diminui os riscos de morte. No começo da pandemia o ministro orientava para a gente procurar o pronto socorro só após ter falta de ar. Essa questão da*

*imunidade todo mundo sabe disso, se a gente tiver uma imunidade boa, o risco da gente ser contaminada é muito melhor. A vacina também não é 100% comprovada, que vai dar certo 100%. O meu tio tomou a segunda dose e teve covid mesmo assim.” (Goiânia, +25 anos, C/D, evangélica, não arrependido do voto)*

### **O voto em 2018 e 2022**

Após a discussão sobre valores e políticas públicas, enveredamos para o tema eleitoral, perguntando aos participantes quais suas motivações para terem votado em Bolsonaro em 2018 e quais suas expectativas para a eleição de 2022. Como a pesquisa foi feita no primeiro semestre de 2021, as pessoas encontravam-se naquele momento praticamente equidistantes dos dois eventos e não sofriam o efeito direto de campanhas, que sempre induzem maior politização. Os resultados são bastante reveladores.

A imensa maioria dos participantes da pesquisa, em todas as cidades, declarou não conhecer Bolsonaro antes da campanha de 2018. Os apoiadores de perfil evangélico são aqueles que votaram no atual presidente pela defesa de valores conservadores – especialmente os da “família tradicional” – conforme comentado acima.

A maioria expressiva dos entrevistados foi motivada pela rejeição do PT e pelo desejo de ruptura com a classe política tradicional, vista como corrupta e auto-interessada. Dentre o segmento de arrependidos da classe A/B, foi identificado com maior força esse sentimento de repulsa à representação política na orientação do voto.

*“Eu nunca nem tinha ouvido falar do Bolsonaro. Foi na campanha para presidente mesmo que eu acompanhei. E achei assim que ele tinha uma capacidade para governar o país. Não tenho político de estimação, gostei das propostas dele de apoio à família tradicional. E as propostas para a economia também. Acho que melhorou bastante o governo federal. Acho que melhorou bastante. Estou satisfeita.” (Curitiba, +25 anos, C/D, evangélica, não arrependido do voto)*

*“Em 2018 todo mundo votou no Bolsonaro para tirar o PT. Pelo que eu estou vendo aqui todo mundo ou pelo menos uma grande parcela da população vai votar no PT para tirar o Bolsonaro. Não tem uma terceira via.” (Rio de Janeiro, +25 anos, A/B, qualquer religião, arrependido do voto)*

*“Eu já o conhecia de alguns anos, eu e o meu irmão acompanhávamos ele e seus projetos de castração química, coisa do tipo. Eu votei nele, acreditei e acredito que ele consegue colocar o país nos eixos, abrir mais a economia, nos libertar desse buraco que a gente acabou caindo, que os governos anteriores acabaram deixando. Eu voltaria novamente sim no Bolsonaro.” (São Paulo, até 25 anos, C/D, qualquer religião, não arrependido do voto)*

*“Eu conheci do Bolsonaro 2018. Eu já votei no PT, profundamente arrependida. Hoje eu não me arrependo do voto no Bolsonaro, porque o cara está fazendo o que ele pode, porém não depende somente dele. Ele deu um grande azar porque a pandemia está acontecendo no governo dele. Os governadores querem que as pessoas fechem as portas fiquem em casa, mas é impossível ficar em casa.” (Rio de Janeiro, até 25 anos, C/D, qualquer religião, não arrependido do voto)*

*“Eu votei no Bolsonaro pela mudança política. Estava um governo muito saturado. Um presidente de esquerda. Vamos ver se uma mudança de política pode levantar o Brasil novamente. Eu votei por esse motivo e pela influência da minha família, porque meu irmão e meu pai são apoiadores do Bolsonaro, por serem militares. E por meu pai ser produtor rural. Por conta das fazendas do meu pai.” (Goiânia, até 25 anos, C/D, qualquer religião, não arrependido do voto)*

*“Eu já votei em Dilma, Já votei em Lula. Quando foi agora no Bolsonaro eu comecei a me informar, comecei a me entrosar e comecei a ficar sabendo do que o PT fez. Na época deles teve muita enrolação, muita corrupção. Eu comecei a ficar mais antenado. Foi aí que comecei a pensar em votar no Bolsonaro. Foi por querer mudança mesmo, estou acreditando que alguém poderia mudar, a gente vê muitos projetos dele de mudar o país. Eu votei nele por acreditar que podia vir mudança por aí. Porque os governantes nos quais eu tinha voltado anteriormente, a gente viu, só enganação e corrupção.” (Recife, +25 anos, C/D, evangélica, não arrependido do voto)*

A influência dos pastores no voto foi tema estimulado pela mediação nos grupos com o recorte evangélico. As respostas foram divididas, contudo. No Rio de Janeiro e em Curitiba os participantes afirmam que os pastores não falam de política em suas igrejas. Já em São Paulo, Belém e Goiânia surgiram relatos de orientação de voto, diretamente do púlpito, e também em encontros de grupos de discussão.

*“Meu pastor sempre foi muito a favor ele sempre dizia esse homem vai ser perseguido. Porque ele vai tentar ser anti-PT. Ele vai fazer muitas coisas corretas mas ele vai ter o mundo contra ele. Grande vai ser a jornada dele daqui pra frente. Ele dizia mesmo antes de se eleger. A gente tem um grupo na igreja. Lá a gente pode falar a sua opinião, fala de um tudo. Isso lá no início.” (Belém, +25 anos, C/D, evangélico, não arrependido do voto)*

*“Os pastores influenciaram muito no resultado da eleição. E o que os pastores falam as pessoas ouvem muito.” (São Paulo, +25 anos, C/D, evangélica, não arrependido do voto)*

*“Eu ouvia muito das igrejas que era para a gente se unir e votar no Bolsonaro, porque ele é muito família. Eu já votei no Lula, os colegas falavam, Lula fez isso, Lula fez aquilo. Mas os pastores pediam muito na igreja para votar no Bolsonaro.*

*Pronto, graças a Deus, porque eu votei nele e voto de novo.” (Recife, +25 anos, C/D, evangélica, não arrependido do voto)*

*“O meu pastor não citava nomes, mas ele sempre falava no final do culto nas próximas eleições para a gente pesquisar. É bem-vindo usar nossa sabedoria, escolher bem os candidatos. Escolher a melhor pessoa em quem a gente acreditava.” (Curitiba, +25 anos, C/D, evangélica, não arrependido do voto)*

No tocante ao pleito de 2022, os arrependidos manifestam alto grau de rejeição a Bolsonaro, rejeição essa misturada aos sentimentos de traição e decepção. Diversos entrevistados afirmam que se trata do “maior arrependimento da vida”. Uma pequena parcela desses eleitores disse esperar por uma terceira via em 2022, pois também não desejavam votar em Lula (ou no PT). Contudo, uma expressiva maioria de arrependidos defendeu de modo convicto o voto em Lula (especialmente no 2º turno). Chama atenção que tais eleitores narraram as conquistas do governo Lula de modo nostálgico. Já os apoiadores moderados afirmam que seguem votando em Bolsonaro se a situação continuar como está, enquanto os mais fiéis – geralmente evangélicos – declararam que não mudariam o voto em nenhuma circunstância.

Para quem mantem o apoio, as características agressivas do comportamento de Bolsonaro são percebidas de modo positivo, pois expressariam “sinceridade” e “apelo popular”. Os que se arrependeram do voto, tinham expectativa que essas características, já vistas com alguma desconfiança em 2018, fossem amenizadas devido a seriedade que o cargo exige. Contudo, constaram que isso não havia ocorrido. Contudo, a percepção de que Bolsonaro “não age como presidente” era disseminada, sendo manifestada também por apoiadores renitentes.

*“Infelizmente ele pegou o Brasil numa situação meio ruim. Depois veio a pandemia, mas eu ainda acredito que ele vai fazer muita coisa pelo Brasil, eu vou continuar votando nele.” (São Paulo, +25 anos, C/D, evangélica, não arrependido do voto)*

*“Eu acho que a gente só dá valor àquilo que a gente perde. Acredito que Bolsonaro foi eleito justamente pelo discurso dele de mudança. Eu obviamente votaria no Lula. É só a gente olhar a quantidade de pessoas que faziam faculdade, não tinha faculdade fechando, ao contrário. Agora, 9 hospitais fechando. O dólar era alto mas era muito mais baixo do que agora.” (São Paulo, + 25 anos, A/B, qualquer religião, arrependido do voto)*

*“Não queria que entrasse o PT. Teve os escândalos enormes de corrupção na época do PT. Foi isso que me motivou a voltar em Bolsonaro no segundo turno, mas eu tinha muito medo que o governo dele ia ser muito radical. Está sendo. Além das muitas bobagens que ele faz e fala tem muita coisa que a gente não via. O que o governo faz, o que os ministros estão fazendo. O governo do PT não foi*

*de todo mal. Na época a gente tinha muito emprego, não tinha gente desempregada. Eles tiveram um bom legado. Num certo período. A gente teve a questão do PIB que melhorou. A gente teve a questão da inflação que baixou. Mas aí o campo da corrupção piorou de vez. Hoje se fosse pra escolher entre Bolsonaro e Lula, talvez até o cederia de novo por Lula. Pois roubar os dois roubam. Mas pelo menos a gente estava mais estável no governo do PT. Pensava mais nas pessoas e não só aqui em cima. Tomara que tenha uma terceira opção para de fugir desses dois.” (Curitiba, + 25 anos, A/B, qualquer religião, arrependido do voto)*

### **Mapeamento dos hábitos de informação**

Outro tópico importante do roteiro da pesquisa foram os hábitos de consumo de informação, pois, como já comentamos acima, a literatura acadêmica coloca muita ênfase na associação entre o fenômeno do bolsonarismo e a ascensão e disseminação das redes sociais.

Muitos participantes dos grupos focais revelaram-se consumidores do jornalismo da televisão aberta. Parece haver um claro fato de idade nessa preferência, pois o hábito de obter informação políticas de telejornais é diretamente proporcional à idade do participante, quanto mais jovem, menos consome mídias tradicionais, entendida aqui como jornais e revistas impressos e telejornais. Mesmo entre eles, contudo, é grande o número dos que preferem se informar nos portais de jornalismo da grande imprensa na internet (G1, UOL e feed de notícias do Google) e nas redes sociais.

Os participantes que emprestavam apoio mais intenso a Bolsonaro mostraram-se altamente refratários à Rede Globo. Avaliavam que a emissora perseguia Bolsonaro e distorcia fatos para causar-lhe dano reputacional. O Jornal Nacional foi chamado por alguns de “Jornal Covid”, pois, segundo sua visão dedicava grande parte de sua programação a noticiar as calamidades da pandemia, no claro intuito de atingir o presidente. Esse segmento preferia acompanhar o jornalismo da Record e do SBT. A CNN também foi citada entre as preferências desse eleitorado – alguns acompanham o conteúdo do canal via a plataforma Youtube.

Se por um lado os bolsonaristas convictos rejeitam fortemente a Globo, vários entrevistados arrependidos declararam consumir o jornalismo da emissora, ainda que não deixem de considerá-la tendenciosa.

Os participantes fiéis a Bolsonaro, mesmo aqueles que preferiam acompanhar as notícias da política via televisão e internet, tratavam os canais próprios de comunicação direta do ex-presidente e de seus filhos e esposa como “canais oficiais”. Falas sobre o uso desses canais como instrumentos de verificação de notícias foram recorrentes. É nesses canais que tais participantes declararam buscar as versões verdadeiras de narrativas e fatos.

*“Eu gostava muito da Globo, mas a Globo só fala mal do Bolsonaro. Agora eu não quero mais assistir. Quando chega a hora do jornal eu desligo ou vou fazer outra coisa. Eu procuro não assistir mais o Jornal Nacional. O jornal nacional só fala mal do Bolsonaro. Eu sigo o Bolsonaro e a esposa dele no Instagram.” (Goiânia, +25 anos, C/D, evangélica, não arrependido do voto)*

*“Hoje em dia para assistir televisão é muito complicado porque tem muitas formas de ocupar seu tempo, cada emissora tem seu ponto de vista e quer defender o seu lado. Antes Lula era o rei, depois Lula virou ruim, apoiaram o Bolsonaro início, por conta de Lula, mas como foi cortada uma mamatinha da Globo, hoje Bolsonaro virou o ruim da história, já em outras emissoras, as quais Bolsonaro está ajudando, ele já é bom lá. Então depende muito do meio de comunicação que você procura. Eu sigo Bolsonaro e os filhos dele.” (Recife, +25 anos, C/D, evangélica, não arrependido do voto)*

*“A Globo é tendenciosa, ela se mostrou tendenciosa na Lava jato, ela acabou com a Dilma Rousseff, que foi inocentada em todos os processos. A Globo ajudou a derrubar ela. O Lula ela ajudou a prender e sem provas. O candidato da Globo é o Sérgio Moro. Caiu no colo do Bolsonaro, ele nem queria ser presidente. A Globo tem uma parcela de culpa, mas hoje está puxando a sardinha pro lado do Lula.” (Rio de Janeiro, +25 anos, A/B, qualquer religião, arrependido do voto)*

*“Não dá para assistir o telejornal da Globo. Não passa 5 minutos é tudo tiro contra o presidente. Já mudo para a Record. Mudo para outra emissora. É mais Instagram. O próprio Bolsonaro. Sempre que eu não vejo uma informação na TV eu já corro lá no Instagram do Bolsonaro pra ver qual é a real. Geralmente a gente encontra. Que eles geralmente estão aumentando e complica as coisas. Hoje a informação está na nossa cara.” (Recife, +25 anos, C/D, qualquer religião, não arrependido do voto)*

*“Então, eu não sou muito de assistir a Globo porque morre duas pessoas e a Globo diz que morreram 50. Eu vejo mais pelo Instagram principalmente. Minha família inteira volta no Bolsonaro, principalmente meu irmão. É isso. Eu só sigo o Bolsonaro. Eu não sou de televisão.” (São Paulo, até 25 anos, C/D, qualquer religião, não arrependido do voto)*

*“Eu assisto pelo celular, é internet e televisão. Qualquer assunto novo chega para mim, de primeira mão. Eu vejo a Record. Band. O SBT. Eu evito a Globo. É uma emissora que crítica muito Bolsonaro. As novelas têm muita questão de uma sexualidade que eu não gosto. Eu sigo o próprio Bolsonaro no Instagram.” (Belém, até 25 anos, C/D, qualquer religião, não arrependido do voto)*

*“Eu só assisto a Record. Não assisto a Globo. Não sigo muito político. Nem sigo muito o Bolsonaro. Se as coisas me chamam atenção, eu vou lá procurar, saber*

*se é verdade. Negócio da Globo é que ela bate muito no Bolsonaro, parece uma perseguição. Pra não me estressar, eu não assisto a Globo. E não é só por isso não eu não gosto da Globo.” (Belém, +25 anos, C/D, evangélico, não arrependido do voto)*

O hábito de seguir influenciadores nas redes sociais não apareceu frequentemente, mesmo entre os críticos ao chamado “jornalismo tendencioso da Globo”. Dos nomes de canais citados como preferidos por participantes tivemos Jovem Pan, Alexandre Garcia, Caio Copolla, Gabriel Monteiro, Arthur do Val, Nando Moura, MBL (com ressalvas). Os arrependidos de classe A/B foram os únicos que citaram o consumo de podcasts, ainda que de maneira residual. Foram identificados os podcasts de Leandro Karnal, Globo News, Gabriela Prioli e Renata Lo Prete. O rádio foi pouco lembrado, mas os que utilizavam essa mídia declararam ouvir a Jovem Pan e a Voz do Brasil.

No geral, é possível perceber que as páginas de jornais nas redes sociais (especialmente no Instagram) servem de atalho para a obtenção de informações. O Facebook aparece pouco nas citações dos entrevistados, assim como o Twitter. A sugestão de vídeos no Youtube é consumida por alguns participantes, mas poucos declararam “assinar” canais específicos.

*“Temos que beber de todas as fontes. Hoje em dia assisto muito à Jovem Pan. Dizem que é pro-governo, mas na maioria dos programas tem contraponto. Diferente da Globo, que só tem um lado. Todas têm um interesse. Eu me informo pelo Youtube. A Band, era pró-Bolsonaro, agora está com outro viés. Temos que assistir e comparar com outras mídias.” (Belém, + 25 anos, A/B, qualquer religião, arrependido do voto)*

*“Eu sigo alguns políticos da rede sociais, como o capitão Assunção e o Eduardo Bolsonaro. Jornal nacional não vejo muito. Eu prefiro ver o Fantástico no domingo. No YouTube não vejo nada.” (Goiânia, até 25 anos, C/D, qualquer religião, não arrependido do voto)*

*“Geralmente o que eu mais utilizo é a internet, televisão e redes sociais, na internet do geral. Globo tende ir para o lado do PT, a Record de ir para o lado do Bolsonaro. Eu acredito que se acompanhar por TV e rede social é ser influenciado por elas. Eu prefiro obter informação de portais da internet, principalmente da Folha de São Paulo. Eu gosto muito das colunas da Folha de São Paulo, sou assinante de lá.” (Rio de Janeiro, +25 anos, C/D, qualquer religião, arrependido do voto)*

*“Eu acompanho pela Globo e pela Record, mas onde eu me informo mesmo é pelo canal do Bolsonaro, onde eu me informo do que está acontecendo e do que ele fez.” (São Paulo, +25 anos, C/D, evangélica, não arrependido do voto)*

*“Eu gosto bastante da Rede Massa, da SBT, não gosto de assistir à Globo mais, não assisto. Eu não sigo nenhum político nenhum, influenciador assim na internet,” (Curitiba, +25 anos, C/D, evangélica, não arrependido do voto)*

## **Sínteses dos resultados**

Após examinarmos os resultados das discussões ocorridas nos grupos, passamos para uma síntese dos resultados focada nos tópicos mais relevantes.

### **Democracia e Golpe Militar**

A imagem do seguidor de Bolsonaro como um militarista saudoso pela ditadura é exagerada e não corresponde às ideias e sentimentos dominantes desse grupo social manifestou em relação à democracia, em meados de 2021. Foram raríssimos os entrevistados que defenderam golpe militar, ainda que uma boa parcela dos seguidores de Bolsonaro tenha os militares em alta conta, devido ao respeito pela hierarquia e a disciplina cultivados pela corporação. A adesão à democracia foi forte inclusive entre os bolsonaristas não arrependidos.

Ao citarem os aspectos que lhes desagradam em uma ditadura, muitos entrevistados identificaram a falta da liberdade de expressão. Citaram também a violência e a repressão desmedida e revelaram consciência de que isso tenha ocorrido no Brasil durante a Ditadura Militar. Houve quem amenizasse os desmandos e atrocidades do período da ditadura, mas tal posição ficou restrita aos mais radicais. No geral, arrependidos e não arrependidos disseram também que o Brasil já superou essa fase e que não vai, ou não pode, haver retrocesso.

### **Complexo de vira-lata**

Ao contrário do discurso supostamente nacionalista de Bolsonaro, que inclui a apropriação de símbolos nacionais, seus seguidores têm no conjunto uma imagem extremamente negativa do Brasil. O país foi sempre visto de forma desfavorável, pelos apoiadores renitentes e também pelos que se arrependeram do voto. A inferioridade brasileira é expressa em termos culturais, mormente no campo dos valores, ou mesmo em termos de “índole do povo”, com evocações que ecoam concepções racistas.

Em todos os grupos focais, somente uma pessoa citou um país da Europa como exemplo de país estrangeiro, todas as outras referências foram aos Estados Unidos. A imagem negativa do Brasil ficou particularmente saliente quando o tema das armas foi discutido, pois muitos bolsonaristas renitentes creem que os EUA é um exemplo a ser seguido, pois lá “todo mundo tem arma” e, por isso, é muito mais seguro. Do outro lado, aqueles que se opõem à liberação das armas justificam sua posição também por meio de uma comparação com os EUA: nossa inferioridade cultural faz com que não estejamos preparados para a liberação do porte e da posse de armas; já a sociedade estadunidense

tem maturidade para isso. Nenhum dos participantes, em momento algum da pesquisa, fez menção aos repetidos episódios de tiroteios em escolas dos EUA, quanto mais associá-los ao fato de o acesso ao armamento ser facilitado naquele país.

O tema da corrupção também suscita reações associadas a uma autoimagem desvalorizada da brasileira. Na visão da maioria dos participantes, a política brasileira é especialmente corrupta, e isso é devido à inferioridade moral no nosso povo em relação a outros países, particularmente os Estados Unidos.

### ***Bolsonaro como mito e exceção***

Bolsonaro foi muitas vezes tratado por apoiadores renitentes como alguém dotado de qualidades excepcionais, que inspira tamanha confiança a ponto de alguns falarem dele como se tivessem acesso direto a suas reais convicções e motivos, como se habitassem sua cabeça. Mais de um apoiador evangélico se referiu a Bolsonaro como portador de uma missão divina de livrar o Brasil da corrupção e consertar a moral do povo.

A rispidez dos comentários feitos por Bolsonaro ou mesmo a inadequação do conteúdo de suas falas foram frequentemente atribuídos à sua espontaneidade, autenticidade, franqueza, falta de travas na língua, e tomados como virtudes e não vícios. Mesmo reconhecendo que tais falas não são próprias da liturgia do cargo de presidente, alguns apoiadores disseram ser bom que Bolsonaro assim o faça, pois isso seria um elemento necessário na sua missão de revolucionar o jeito de fazer política.

Bolsonaro também foi tido como azarado por seus apoiadores, pela pandemia ter-se instalado logo no começo de seu segundo ano de governo. Isso atrapalharia o cumprimento de suas promessas de campanha, ainda que tais promessas não tenham sido substantivamente enumeradas pelos participantes.

A percepção da excepcionalidade de Bolsonaro lhe confere uma cobertura de “teflon”: nada de negativo gruda em sua figura. É recorrente o discurso de que as forças políticas não deixam Bolsonaro trabalhar, por isso que as coisas não vão tão bem em seu governo quanto deveriam. Muitos apoiadores disseram que a culpa pela crise econômica e mesmo pela falta de vacinas é dos governadores e prefeitos, e não de Bolsonaro, reproduzindo um argumento que ele fez publicamente reiteradas vezes.

Foi comum a afirmação peremptória da honestidade de Bolsonaro, ainda que conjugada com a percepção de que as pessoas em volta dele necessariamente não o sejam. Isto é, para os apoiadores que confiavam plenamente na integridade de Bolsonaro, a política continua a ser corrupta, e Bolsonaro continua a preservar sua essência antipolítica, mesmo depois de dois anos e meio no cargo de Presidente da República.

Quando o caso das rachadinhas que envolveu Flávio Bolsonaro foi citado em meio às discussões, os apoiadores renitentes raramente tentaram defender Flávio, mas sim

optaram por contra-argumentar que o pai não tem nada a ver com o caso. Até empregaram um bordão para isso: “são CPFs diferentes”.

### ***Insulamento moral dos evangélicos***

Os participantes evangélicos frequentemente manifestaram uma identidade apartada do resto da sociedade, como evangélico ou cristão. Essa separação é articulada em termos morais, pois entendem que sua forte adesão a valores supostamente cristãos oriente suas práticas no mundo e os diferencie dos não evangélicos.

Vários utilizaram explicitamente a identidade religiosa como argumento para justificar suas posições: como sou cristão, penso assim, ou ajo dessa maneira. Os evangélicos também usaram frequentemente a expressão “homem de bem”, dividindo a população em duas categorias. A categoria complementar é quase sempre o bandido, mas pode também ser o esquerdista, o petista, aquele que despreza os valores familiares ou mesmo o corrupto.

Os apoiadores evangélicos fazem repetidas referências à Deus em suas falas, mostrando uma concepção fortemente teísta do mundo. Para além da obviedade de expressar forte religiosidade, tais falas denotam propensão alta de receber informações e opiniões daqueles que propagam a palavra de Deus, ou seja, líderes religiosos e outros evangélicos.

O insulamento moral dos evangélicos está ligado ao que podemos chamar de seu insulamento comunicacional. A metáfora não é perfeita neste caso, pois a abundância comunicacional do mundo atual não permite que um grupo fique totalmente ilhado. Contudo, há uma forte afinidade eletiva dos evangélicos por meios de comunicação e comunicadores que apoiam Bolsonaro. A forte rejeição da Globo e a preferência pelos canais Record e SBT são sinais claros disso. A participação em grupos do WhatsApp e Telegram formadas por pessoas de pensamentos afins, ou mesmo por membros de uma mesma igreja, também foi relatada com alguma frequência pelos participantes evangélicos.

As páginas das redes sociais da família Bolsonaro e de alguns de seus apoiadores foram citadas também como fontes por vários integrantes evangélicos. Alguns disseram acompanhá-las periodicamente, outros declararam usá-las com o intuito de checar versões, ou seja, sempre quando recebem uma notícia da qual desconfiam da veracidade, vão as páginas bolsonaristas para se informarem sobre a versão “real” dos fatos.

A rejeição da Rede Globo é justificada por ela supostamente perseguir Bolsonaro e/ou porque percebem-na como muito permissiva em relação às questões de gênero e orientação sexual. Pelas mesmas razões, mas com sinais trocados, manifestam preferência pela Rede Record e muitas vezes pelo SBT.

### ***Ruptura da esfera comunicacional tradicional***

A maior parte dos hábitos de consumo de informações dos evangélicos é partilhada pelos apoiadores renitentes não evangélicos. Ou seja, o bolsonarismo se alimenta de um cenário comunicacional complexo e em crescente fragmentação, para o qual os evangélicos contribuem, mas não são o único fator.

Praticamente todos os jovens participantes, idade menor que 25 anos, não utilizam o telejornalismo como fonte de informação política. A maioria declara sequer assistir à TV. E muitas participantes maiores de 25 anos disseram que voltam tarde para casa do trabalho e não têm tempo ou disposição para assistir à TV.

Entre os que veem TV, é comum a manifestação de repúdio e desconfiança em relação à Rede Globo, também entre os apoiadores renitentes não evangélicos. A Globo é descrita por alguns renitentes como petista. Somente uma pessoa arrependida declarou que a Globo perseguia também o PT e Lula, e agora se voltou contra Bolsonaro. Os renitentes que consomem notícias na TV tendem a optar pela Rede Record e, em segundo lugar, pelo SBT. A CNN foi muito mais citada que a GloboNews como fonte de informação entre os participantes em geral.

Nossa hipótese de ruptura da esfera comunicacional tradicional, e formação de uma esfera comunicacional bolsonarista, é baseada na observação reiterada de que os meios de comunicação são percebidos como politizados, ou seja, como instrumentos utilizados por suas empresas proprietárias de fazer política. As evidências vão além de adesões e rejeições fortes a determinados meios. Há também uma percepção generalizada de politização da comunicação, manifesta pelo bordão “a imprensa tem lado”, pronunciado várias vezes pelos entrevistados.

Vários participantes disseram que, depois de verem as notícias na mídia tradicional – que eles entendem como sendo os telejornais ou os portais noticiosos das grandes empresas de mídia –, vão atrás de outras fontes para checar a veracidade das informações. Há duas variantes atitudinais aqui, os bolsonaristas mais convictos recorrem diretamente às páginas do presidente e de seus fiéis influenciadores nas redes sociais. Mas há aqueles que declararam buscar por versões dos fatos em diferentes canais, pois nenhum é inteiramente confiável. Pois se “a imprensa tem lado”, então não há canal de comunicação inteiramente confiável.

Assim, chamamos de ruptura da esfera comunicacional tradicional a perda de legitimidade os grandes meios de comunicação, legitimidade essa que era altíssima antes do advento das redes sociais, por mais que no Brasil tais meios tenham consistentemente se comportado de modo politizado, buscando influenciar resultados eleitorais por meio do enviesamento da cobertura (Azevedo, 2017; Feres Júnior, 2020; Miguel, 1999) e também impor a teoria econômica ortodoxa, que muitos chamam de doutrina do estado

mínimo, fiscalismo ou neoliberalismo, como única leitura da relação entre estado e sociedade.

O aumento da percepção de politização dos meios, ou seja, de que eles têm lado, mina sua legitimidade como fontes fidedignas de informação e gera um ambiente de pós-verdade, no qual convivem a adesão explícita dos consumidores de informação aos meios a eles mais ideologicamente alinhados – um tipo de paralelismo político 2.0 (Artero, 2016; Mancini, 2015) – e um alto grau de ceticismo e desconfiança em relação a todos os meios.

Em outras palavras, a pesquisa mostra que o bolsonarismo foi exitoso em romper com o status quo anterior da comunicação política em nosso país, cooptando parte dos meios tradicionais (Record, SBT, Jovem Pan, CNN e uma miríade de mídias regionais e locais Brasil afora) e, ao mesmo tempo, articulando uma rede forte de canais apoiadores nas plataformas sociais. Contudo, se por um lado o bolsonarismo não teria feito isso se não fosse a ascensão das redes sociais, por outro, é bastante ingênuo concluir que o bolsonarismo é basicamente um fenômeno comunicacional das redes sociais.

Os resultados de não confirmam a tese de que as redes sociais têm um papel central na informação dos eleitores de Bolsonaro em 2018. Pouquíssimos participantes relataram seguir influencers. Facebook, Youtube e Twitter não foram muito citados como fontes de informação, mesmo quando a pergunta foi colocada explicitamente. Ironicamente, a voz do Brasil, programa de rádio, foi identificada várias vezes como fonte de informação confiável, mesmo por alguns arrependidos.

### ***Pós-verdade e negacionismo***

A ruptura da esfera comunicacional tradicional, causada pelo forte aumento da percepção de politização dos meios, gera um clima de pós-verdade e negacionismo. No tema da Covid 19, particularmente no que toca o tratamento precoce e as vacinas, esse estado de coisas se revelou com força. Foi comum a percepção de que não há de fato fontes confiáveis de informações para além do conflito de versões. Muitos declaram simplesmente não saberem o que dizer sobre esses assuntos polêmicos, já outros apoiadores, ao constatar que a politização da informação é bastante alta, tomam partido nessa disputa aderindo às versões fornecidas pelos meios bolsonaristas de comunicação.

Notícias falsas são abundantes entre os apoiadores renitentes de Bolsonaro: alguns afirmam haver provas de que a Cloroquina e a Invermectina curam o vírus, que as vacinas não são eficazes, que o vírus é uma estratégia da China para dominar o mundo e ganhar muito dinheiro etc.

Mas há também evidências de que a aposta na desinformação por parte do bolsonarismo é bem anterior ao advento da pandemia da Covid 19 e toda a discussão em torno das vacinas e dos tratamentos curativos. A imensa maioria dos apoiadores manifestaram ao

longo da pesquisa crença de que os governos do PT de fato distribuam o Kit Gay nas escolas públicas.

A percepção da economia também foi influenciada pelo clima geral de disseminação de notícias falsas e guerra de versões. Vários apoiadores renitentes disseram que a economia estava melhorando, se mostrando otimistas perante o estado de coisas em meados de 2021. Avaliavam que 2021 estava muito melhor que 2020, como se os piores efeitos da pandemia já tivessem passado. Tal percepção contrasta com os dados da economia no segundo semestre de 2021, quando a pesquisa foi feita, pois tanto o PIB quanto a taxa de desemprego se encontravam estagnados, depois de uma série de flutuações nos trimestres anteriores.<sup>7</sup>

### ***A eficácia comunicativa de Bolsonaro***

Outra evidência importante da ruptura da esfera comunicacional tradicional produzida pelo Bolsonarismo, e do conseqüente clima de pós-verdade, é o sucesso com o qual suas versões dos fatos foram recebidas por parte de seus eleitores. A recorrência de argumentos expressos por apoiadores convictos indica o uso de fontes de informação que divulgam versões bolsonaristas dos fatos – algo que é corroborado pelas respostas relativas ao acesso à informação: canais oficiais do presidente, canais de seus filhos e aliados. Outra evidência forte do funcionamento fontes são as respostas por vezes excessivamente padronizadas dadas por apoiadores de todos os cantos do país.

O argumento de que o ladrão vai pensar duas vezes antes de entrar na casa da pessoa que adquiriu uma arma, por exemplo, foi recorrente. A ideia de que a legalização da posse e porte de armas vai ser feita de maneira organizada, pelo Exército Brasileiro, por meio de exames, testes e treinamento dos pleiteantes também foi amplamente disseminada de maneira padronizada. A analogia entre a obtenção do porte de arma e o processo de obtenção da carteira de habilitação foi feita várias vezes por aqueles que defendem as armas, um sinal de podem ter recebido tal argumento de fonte comum. Muitos apoiadores, principalmente os que parecem mais desinformados, repetiram mecanicamente que a vacina demoraria no mínimo quatro anos para ficar pronta, dado que Bolsonaro afirma peremptoriamente no vídeo.

### ***O antipetismo***

O bolsonarismo constrói vários inimigos, mas nenhum mais forte do que o PT, partido que para os adeptos de Bolsonaro sintetiza tudo que há de errado com o Brasil, da decadência moral à corrupção política. O termo “a esquerda” é usado alternativamente para se referirem aos petistas, tidos como aliados de bandidos, a favor dos gays

---

<sup>7</sup> Ver <http://www.ipeadata.gov.br/ExibeSerie.aspx?serid=1136471525>.

(degenerados), os mais corruptos entre os corruptos, etc. Lula é a personalização do PT e da esquerda nesse discurso.

Praticamente todos os participantes da pesquisa declaram terem votado em Bolsonaro em 2018 com o fito de tirar o PT do poder. E a razão para tal quase sempre é a corrupção. Coerentemente, o discurso de demonização da esquerda foi bem mais forte entre os apoiadores renitentes do que entre os arrependidos.

Entre os arrependidos, muitos declaram-se dispostos a votar em Lula na eleição de 2022, e justificavam a escolha pelos feitos de suas administrações no passado, em prol do povo e dos mais necessitados. Nenhum entre eles, contudo, questionou as acusações de corrupção contra o partido e seu líder, ou mesmo colocou a Lava Jato sob suspeição. Já os arrependidos que disseram não pretender vota no PT geralmente usavam o argumento de que não concordam com a máxima do “rouba mas faz”, em clara referência ao ex-presidente.

## Conclusões

Os dados e sínteses gerados pela pesquisa permitem que ponhamos algumas teses e percepções comuns sobre o bolsonarismo sob escrutínio. Longe de sermos exaustivos nas conclusões, é importante enumerar pontos de destaque.

Primeiramente, tratemos da tese mais saliente na literatura que toma o bolsonarismo como fenômeno sociológico, a de que ele deve ser melhor entendido como um movimento social (Feltran, 2020; Pinheiro-Machado & Scalco, 2020b; Rocha et al., 2021). O problema central dessas contribuições, a nosso ver, é que ela não identifica a mediação entre o bolsonarismo como movimento social e o bolsonarismo como fenômeno de opinião, tratando as duas coisas de maneira indistinta. Ademais, falta uma análise empiricamente orientada que dê conta de como esse movimento social se estrutura, quais são suas hierarquias, recursos institucionais, critérios de membresia etc, e, o mais importante, como ele produz o fenômeno de opinião. Os autores não se preocuparam sequer em analisar o funcionamento concreto desses contrapúblicos do ponto de vista comunicacional, deixando os seus leitores à deriva em um vasto oceano das conjecturas.

Nossa pesquisa mostrou claramente que nem todos os eleitores de Bolsonaro, e mesmo seus mais ardentes simpatizantes, são ativos participantes de redes sociais, militantes virtuais, produtores ou disseminadores de conteúdo. Apenas uma parcela dos participantes declarou dedicar-se mais intensamente a consumir informação de canais virtuais, quase todos jovens. Mesmo assim, esse hábito sequer foi majoritário entre os jovens. No terreno das conjecturas, é possível que esse padrão de alta mobilização da base, muitas vezes sugerida pela concepção do bolsonarismo *qua* movimento social, seja específico de certos recortes de classes sociais. Como todos os participantes bolsonaristas não arrependidos eram das classes C e D, nossa amostra pode ter subrepresentado esse

comportamento. Mas o ônus de mostrar tal interação entre classe e ativismo é da literatura que defende a tese do bolsonarismo como movimento social e não nosso, e até agora não há sinal de que tenha feito isso de maneira satisfatória.

A questão de como esse suposto movimento social gerou o fenômeno de opinião na verdade contém uma forte assimetria, pois um de seus polos, o fenômeno de opinião, está muito bem documentado por meio de surveys e resultados eleitorais concretos – é inegável que uma proporção substancial do eleitorado brasileiro preferiu Bolsonaro no primeiro turno e uma proporção ainda maior no segundo turno dos pleitos presidenciais nos quais concorreu: 46% e 55.13% em 2018, e 43.2% e 49.1% em 2022, respectivamente. Enquanto isso, o outro polo, o movimento social, é na verdade uma abstração parcamente definida e estudada.

A tese de que modos de comunicação disruptiva imperam nos contrapúblicos bolsonaristas também não foi confirmada por nossa pesquisa. Pelo contrário, eleitores de bolsonaro arrependidos e não arrependidos são capazes de dar razões para suas preferências, baseados nas informações que obtêm e em suas adesões a valores e preferências. Não houve sequer um episódio de performance disruptiva durante as discussões. Talvez seja mais importante frisar que mesmo a adesão declarada a influenciadores bolsonaristas que empregam técnicas disruptivas de comunicação foi fraca.

Há, de fato, uma percepção generalizada de que o próprio Bolsonaro se comunica de maneira grosseira e disruptiva. Contudo, seus seguidores menos inflamados rejeitam tal característica como uma incapacidade de se portar propriamente como presidente da república, juntamente com os eleitores arrependidos. E mesmo entre seus seguidores mais renitentes há quem rejeite esse seu estilo comunicativo. Em suma, é inegável que Bolsonaro e alguns de seus seguidores utilizem de um estilo comunicativo disruptivo, mas tal elemento está longe de explicar seu sucesso de público e de urna.

O dado mais consistente é a adesão, quase sempre seletiva, dos bolsonaristas a valores, fatos e narrativas afinados com a agenda de Bolsonaro: defesa da família tradicional e da heteronormatividade, apoio relativo aos militares, apoio ao porte e posse de armas de fogo, crença em notícias falsas acerca da pandemia, das vacinas e dos tratamentos supostamente curativos, crença de que Bolsonaro mantém-se incorruptível, a despeito de evidências abundantes em contrário. Ou seja, nos parece evidente que há um fluxo informacional importante aqui: essas pessoas estão sendo continuamente alimentadas com esses fatos e narrativas. Mas como isso se dá? Por quais caminhos e meios isso acontece?

Ora, o módulo sobre hábitos de consumo de informação visa exatamente a explorar essa questão do “meio”. A participação ativa em contrapúblicos estruturados nas redes sociais não apareceu como fator preponderante nas respostas dos entrevistados. Há vários outros

mais relevantes. Primeiramente, temos o consumo de informação provida por telejornais. Uma parte substancial das pessoas mais velhas (acima de 25 anos) obtém suas informações preferencialmente desses meios, que são, como mostram surveys de opinião recentes, ainda a forma preferencial de os cidadãos brasileiros obterem informação política.<sup>8</sup>

Em segundo lugar, temos as preferências seletivas pelos canais de informação da TV aberta. A Rede Globo aparece como grande referência e, ao mesmo tempo, divisor de águas: bolsonaristas convictos a rejeitam com força e quase unanimemente, enquanto a maior parte dos arrependidos declaram ainda assistir à Globo. Os muitos consumidores de notícias da TV que rejeitam a Globo declaram preferir os canais Record e SBT, quando não CNN e Jovem Pan.

Essa correlação positiva entre rejeição pela Globo e adesão a Bolsonaro coloca uma dúvida de natureza causal: o que vem primeiro? Os resultados de nossa pesquisa sugerem que o segundo elemento, a adesão a Bolsonaro, é de fato a principal causa da rejeição à Globo. Isso porque muitos participantes que eram apoiadores renitentes declaram o hábito de assistir ao noticiário da Globo no passado e terem deixado de fazê-lo porque a emissora passou a perseguir o ex-capitão e a focar somente nos aspectos negativos da pandemia com o fito de atacá-lo.

Em terceiro lugar, na explicação do nexos comunicativo que explica o bolsonarismo, temos os hábitos comunicacionais dos evangélicos. Poderíamos até arriscar chamá-los de um contrapúblico, mas não nos parece haver ganhos analíticos com essa escolha, pois esse público não é nichado nas redes sociais e tampouco parece adotar preponderantemente estilos disruptivos de comunicação. A característica mais saliente dos hábitos de consumo de informação dos evangélicos bolsonaristas é a homofilia: declaram participar de discussões políticas em grupos de WhatsApp com outros membros da igreja, família ou outros “cristãos”, alguns declaram ouvir as opiniões políticas dos pastores, outros são frequentadores de canais de figuras de destaque do bolsonarismo nas redes sociais e, por fim, consistentemente preferem a Record e o SBT à Globo. Aqui nos parece haver um paralelo entre o insulamento moral explicitado em suas falas e um insulamento comunicacional, reconstruído a partir das várias pistas fornecidas durante os debates nos grupos focais que conduzimos.

Na verdade, a ilha dos evangélicos bolsonaristas está localizada dentro daquilo que chamamos esfera comunicacional bolsonarista, que é muito mais extensa. E o relativo insulamento comunicacional dos evangélicos parece se reproduzir em maior escala nessa esfera comunicacional bolsonarista, pois os padrões de consumo de informação variam

---

<sup>8</sup> Ver <https://nossomeio.com.br/mais-de-60-dos-brasileiros-dizem-consumir-noticias-pela-tv-segundo-yougov/>.

bastante de bolsonaristas renitentes para os arrependidos, e o ponto central dessa diferença é exatamente a preferência por meios alinhados ao bolsonarismo, com a Rede Globo sendo o elemento mais importante nessa distinção.

Há um dado interessante que nos ajuda a compreender melhor a temporalidade desse estado de coisas. O elemento comum que une bolsonaristas renitentes e arrependidos é a justificativa para o voto em 2018: a rejeição da política tradicional e, particularmente, do PT. São esses sentimentos que permitem à figura do outsider, encarnada por Bolsonaro, entrar em cena como um *deus ex machina*, prometendo banir a corrupção do sistema. Ora, mas esse clima de opinião não foi possivelmente criado pelo bolsonarismo, ainda que ele tenha dele se alimentado e crescido vertiginosamente. Tal clima foi produzido antes da ruptura da esfera comunicacional tradicional, ironicamente, pelos seus principais agentes: a grande imprensa. Foram os grandes meios de comunicação, Globo, Folha de S.Paulo, Estado de S. Paulo, revistas Veja e Isto É, e seus muitos meios associados, que criaram esse estado de desconsolo em relação às instituições políticas representativas por meio de uma cobertura escandalosamente enviesada da Operação Lava Jato (Feres Júnior & Kerche, 2018). O intuito principal dessa campanha de imprensa parece ter sido a remoção do PT do poder, e ela alcançou êxito com o impedimento da presidente Dilma Rousseff em 2016 e a prisão e cassação da candidatura de Lula em 2018. É fato que a imprensa já vinha exercitando a exploração de escândalos com o intuito de atingir o PT desde pelo menos a cobertura do chamado Mensalão – para não falar do sequestro de Abílio Diniz, a bolinha de papel na cabeça de Serra, o escândalo Verônica Serra e tantos outros. Contudo, o dano feito pela cobertura da Lava Jato foi de dimensões oceânicas, transbordando do PT para o sistema político com um todo.

É importante entender que esse processo de desvalorização da democracia representativa não foi produto precípua das redes sociais ou da internet, por mais que esses meios tenham tido papel fundamental nas manifestações de Junho de 2013 e nos movimentos pró-impeachment e demais manifestações que se seguiram, mas sim do ativismo político da imprensa tradicional, cujas empresas controlam os principais jornais impressos, portais noticiosos na internet, rádios, TVs e uma pletera de mídias regionais e locais espalhadas por todo o país. O bolsonarismo se instalou neste contexto, como uma bactéria que aproveita a oportunidade da debilitação do corpo provocada por uma infecção viral para causar uma segunda doença, essa ainda mais danosa ao paciente.

Do ponto de vista substantivo, nossa pesquisa indica que definir o bolsonarismo como uma nova subjetividade conservadora (Pinheiro-Machado & Scalco, 2020) é por demais reducionista. Vários participantes apoiadores renitentes não concordavam com as posições conservadoras de Bolsonaro em relação aos valores da família tradicional e, particularmente, com sua homofobia mal disfarçada. Pesquisas de opinião mostram que a maioria dos bolsonaristas é favorável ao Bolsa Família e mesmo às cotas, e contrários às privatizações – ou seja, não são conservadores no campo da economia. É fato que os

eleitores de Bolsonaro são em média mais conservadores que os de Lula, mas isso não pode ser tomado como um sinal inequívoco de novas subjetividades, e o que é mais importante, isso não significa que a identificação de subjetividades dê conta de explicar o bolsonarismo.

Crítica similar deve ser feita aos trabalhos que tratam o bolsonarismo como uma coleção de identidades sociais (Kalil 2018), ainda mais se a metodologia adotada não permite que sejam avaliadas o peso relativo de cada uma dessas identidades. Mesmo em pesquisas de natureza qualitativa é importante a avaliação de intensidades, ainda que não possamos conferir a elas significância estatística. A questão não respondida é a mesma que afeta a tese da nova subjetividade: como foi operada a produção dessas identidades? Não é suficiente argumentar que a campanha de Bolsonaro apelou para “sentimentos de ansiedade de classe, meritocracia e punitivismo entre os homens de baixa renda”. É preciso tentar explicar como essas narrativas chegaram a essas pessoas, ou seja, deslindar o aspecto comunicacional do processo.

É importante notar o fato de todos os trabalhos examinados aqui adotam métodos qualitativos. Contudo, isso não é necessariamente um produto da abordagem sociológica per se. Podemos conceber, ainda que no plano da conjectura, desenhos de pesquisa que empreguem técnicas quantitativas dentro de uma abordagem sociológica do fenômeno do bolsonarismo. Na verdade, os trabalhos que tratam o bolsonarismo como fenômeno de opinião, geralmente classificados na área de comportamento político, quase sempre chamam a atenção para a relevância de variáveis demográficas, e não politológicas, na descrição e análise do bolsonarismo (Amaral, 2020; Nicolau, 2020; Rennó, 2020).

O problema de ordem metodológica detectado por nós na abordagem sociológica ao estudo do bolsonarismo não é o fato de seus trabalhos terem predileção por abordagens qualitativas, mas sim a pouca importância que dão ao aspecto metodológico do trabalho. Os procedimentos de pesquisa são descritos de maneira muito ligeira, sem detalhes acerca dos parâmetros que balizaram o recrutamento, os roteiros das entrevistas ou mesmo as observações etnográficas. Em meio a essa despreocupação metodológica se sobressai a falta de empenho em desenhar pesquisas cuja amostra seja representativa da população brasileira. A periferia da cidade de São Paulo (Feltran, 2020), o Morro da Cruz na periferia de Porto Alegre (Pinheiro-Machado & Scalco, 2020a), manifestações ocorridas em São Paulo (Kalil 2018), uma escola pública de ensino médio de São Miguel Paulista (Rocha et al., 2021), esses são todos lugares válidos para se fazer pesquisa, mas estão muito longe de representar minimamente a população brasileira. O excesso de localidades paulistas só se explica por uma razão não científica – a localização institucional dos pesquisadores – que, na realidade, depõe contra a representatividade da amostra.

## Referências

- Amaral, O. E. do. (2020). The Victory of Jair Bolsonaro According to the Brazilian Electoral Study of 2018. *Brazilian Political Science Review*, 14, e0004-1/13. <https://doi.org/10.1590/1981-3821202000010004>
- Artero, J. (2016). *Political parallelism and media coalitions in Western Europe*.
- Azevedo, F. A. (2017). *A Grande Imprensa e o PT (1989-2014)*. Editora UFSCar.
- Boydell, N., Fergie, G., McDaid, L., & Hilton, S. (2014). Avoiding Pitfalls and Realising Opportunities: Reflecting on Issues of Sampling and Recruitment for Online Focus Groups. *International Journal of Qualitative Methods*, 13(1), 206-223. <https://doi.org/10.1177/160940691401300109>
- Downey, J., & Fenton, N. (2003). New Media, Counter Publicity and the Public Sphere. *New Media & Society*, 5(2), 185-202. <https://doi.org/10.1177/1461444803005002003>
- Feltran, G. (2020). Centripetal force: A totalitarian movement in contemporary Brazil. *Soundings: A journal of politics and culture*, 75(75), 95-110.
- Feres Júnior, J. (2020). *Cerco midiático: O lugar da esquerda na esfera “publicada*. Friedrich Ebert Stiftung.
- Feres Júnior, J., Cavassana, F., & Gagliardi, J. (2022). Is Jair Bolsonaro a classic populist? *Globalizations*, 1-16. <https://doi.org/10.1080/14747731.2022.2111827>
- Feres Júnior, J., & Kerche, F. (2018). *Operação Lava Jato e a democracia brasileira*. Contracorrente.
- Forrestal, S. G., Valdovinos D'Angelo, A., & Klein Vogel, L. (2015). Considerations for and Lessons Learned from Online, Synchronous Focus Groups. *Survey Practice*, 8(3). <https://doi.org/10.29115/SP-2015-0015>
- Fraser, N. (1990). Rethinking the Public Sphere: A Contribution to the Critique of Actually Existing Democracy. *Social Text*, 25/26, 56-80. <https://doi.org/10.2307/466240>
- Fraser, N. (1997). *Justice interruptus: Critical reflections on the «postsocialist» condition*. Routledge.
- Kalil, I. O. (2018). *Quem são e no que acreditam os eleitores de Bolsonaro*. Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo.
- Kitzinger, J. (1994). The methodology of Focus Groups: The importance of interaction between research participants. *Sociology of Health & Illness*, 16(1), 103-121. <https://doi.org/10.1111/1467-9566.ep11347023>
- Mancini, P. (2015). *Parallelism, Political*. Hoboken, NJ, USA: John Wiley & Sons, Inc.

Menary, J., Stetkiewicz, S., Nair, A., Jorasch, P., Nanda, A. K., Guichaoua, A., Rufino, M., Fischer, A. R. H., & Davies, J. A. C. (2021). Going virtual: Adapting in-person interactive focus groups to the online environment [version 2; peer review: 2 approved]. *Emerald Open Research*, 3(6). <https://doi.org/10.35241/emeraldopenres.14163.2>

Miguel, L. F. (1999). Mídia e manipulação política no Brasil: A Rede Globo e as eleições presidenciais de 1989 a 1998. *Comunicação & Política*, VI(2-3), 119-138.

Morgan, D. L. (1988). *Focus groups as qualitative research*. Sage Publications.

Nicolau, J. M. (2020). *O Brasil dobrou à direita: Uma radiografia da eleição de Bolsonaro em 2018* (1a edição.). Zahar.

Pinheiro-Machado, R. (2019). *Amanhã vai ser maior: O que aconteceu com o Brasil e possíveis rotas de fuga para a crise atual*. Planeta.

Pinheiro-Machado, R., & Scalco, L. M. (2020a). From hope to hate: The rise of conservative subjectivity in Brazil. *HAU: Journal of Ethnographic Theory*, 10(1), 21-31.

Pinheiro-Machado, R., & Scalco, L. M. (2020b). From hope to hate: The rise of conservative subjectivity in Brazil. *HAU: Journal of Ethnographic Theory*, 10(1), 21-31.

Rennó, L. R. (2020). The Bolsonaro Voter: Issue Positions and Vote Choice in the 2018 Brazilian Presidential Elections. *Latin American Politics and Society*, 62(4), 1-23. <https://doi.org/10.1017/lap.2020.13>

Richard, B., Sivo, S. A., Orlowski, M., Ford, R. C., Murphy, J., Boote, D. N., & Witta, E. L. (2021). Qualitative Research via Focus Groups: Will Going Online Affect the Diversity of Your Findings? *Cornell Hospitality Quarterly*, 62(1), 32-45. <https://doi.org/10.1177/1938965520967769>

Rocha, C., Solano, E., & Medeiros, J. (2021). *The Bolsonaro Paradox: The Public Sphere and Right-Wing Counterpublicity in Contemporary Brazil*. Springer International Publishing. <https://doi.org/10.1007/978-3-030-79653-2>

Rorty, R. (1982). *Consequences of pragmatism: Essays, 1972-1980*. University of Minnesota Press.

Russo, G. A., Pimentel Junior, J., & Avelino, G. (2022). O crescimento da direita e o voto em Bolsonaro: Causalidade reversa? *Opinião Pública*, 28.

Thimsen, A. F. (2017). Did the Trumpian Counterpublic Dissent against the Dominant Model of Campaign Finance? *Javnost - The Public*, 24(3), 267-283. <https://doi.org/10.1080/13183222.2017.1307572>

Warner, M. (2002). *Publics and counterpublics*. Zone Books ; Distributed by MIT Press.

Wittgenstein, L. (1953). *Philosophical investigations*. Macmillan.



## Authors' contributions

The research for this article was collaboratively conducted by João Feres Jr. (JF) and Carolina de Paula (CP), who both made substantial contributions to it in the following manner:

Conceptualization: JF and CP; Data curation: JF and CP; Formal Analysis: JF and CP; Funding acquisition: JF; Investigation: JF and CP; Methodology: : JF and CP; Project administration: : JF and CP; Resources: : JF and CP; Supervision: JF and CP; Visualization: JF; Writing – original draft: JF and CP; Writing – review & editing: JF

João Feres Júnior

Carolina Almeida de Paula

Instituto de Estudos Sociais e Políticos – IESP

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Tuesday, March 14, 2024

## Conflict of Interest Statement

We hereby declare that, in the preparation and writing of this article titled “Muito além da abordagem sociológica ao estudo do Bolsonarismo”, we have no conflicts of interest to disclose. This statement is made with the understanding that a conflict of interest is any situation in which either one of us, authors, have financial or personal relationships that may improperly influence my actions or judgments within this work.

To the best of our knowledge and belief, no such relationships or conditions exist that could have inappropriately biased our work. The research and authorship were conducted transparently and objectively, without undue influence from any third parties or external interests. Furthermore, no financial support or benefits have been received or are expected to be received from any party directly or indirectly related to the subject of this article that might suggest a conflict of interest.

João Feres Júnior

Carolina Almeida de Paula

Instituto de Estudos Sociais e Políticos – IESP

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Tuesday, March 14, 2024

## Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.